

VOZES em defesa da fé

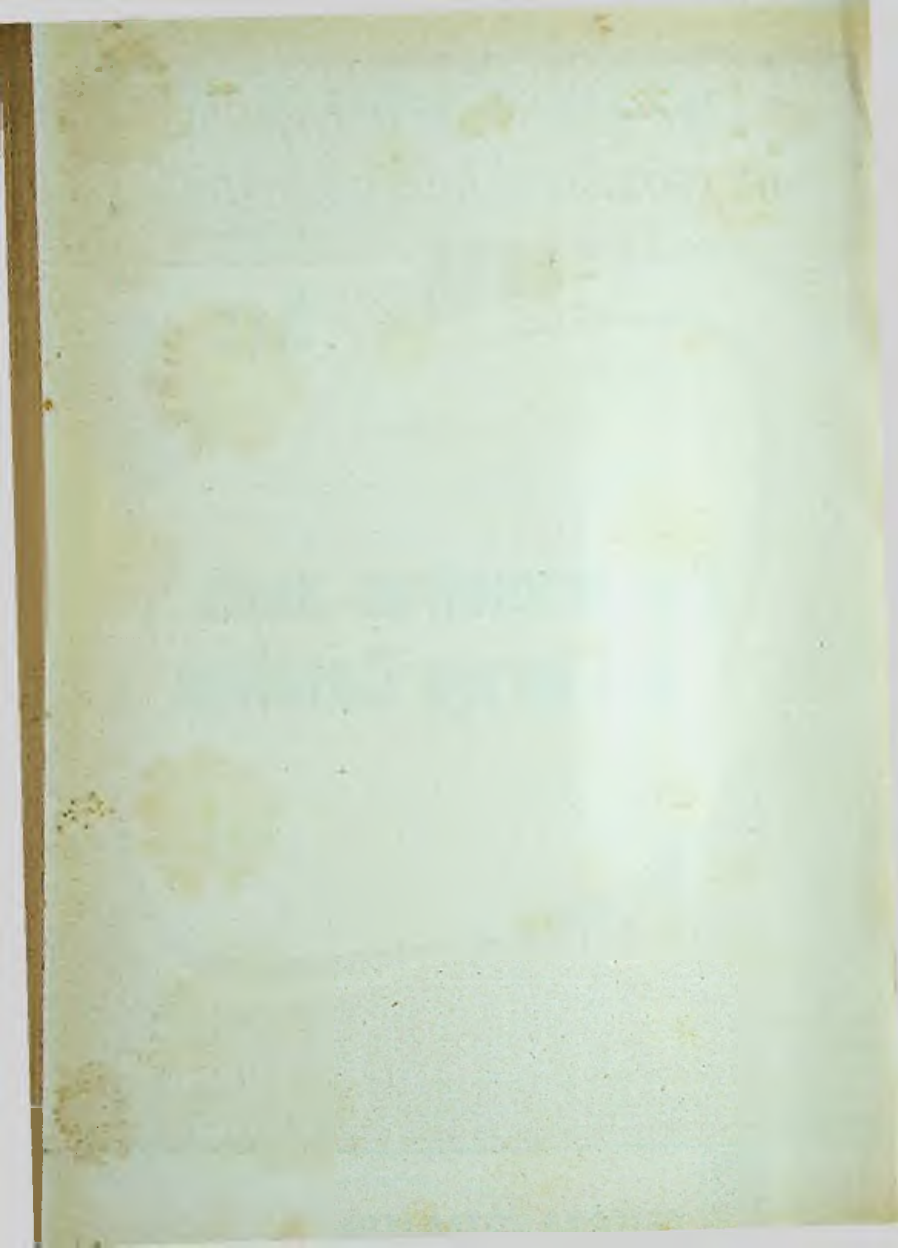
CADERNO

50

**Os primeiros anos
da Igreja Católica**



EDITORA VOZES LTDA.



Que sabe você a respeito da primitiva Igreja Cristã?

Muitíssimos sabem poucoíssimo sobre a história dos primeiros anos da Igreja fundada por Jesus Cristo.

De fato, muitos nem sequer se dão conta de que tal história existe e está ao alcance do povo no mundo de hoje.

Há muitos relatos escritos sobre vários acontecimentos importantes nos primeiros anos do Cristianismo. O fato de às vezes desejarmos que eles fossem mais numerosos e mais completos não destrói nem reduz o valor dos primitivos escritos cristãos que chegaram até nós. Não somente a primitiva história cristã é achada esparsa nos escritos dos primeiros séculos, mas também uma bem sucedida tentativa de história completa dos três primeiros séculos da Igreja foi completada em 324 por um homem chamado *Eusébio* — nome muito comum naquela época.

Nasceu ele por volta do ano 260, provavelmente em Cesaréia, cidade da Palestina, onde foi educado e se ordenou sacerdote.

Grandemente preparado em filosofia e em ciências bíblicas e teológicas, as suas obras mostram



que ele lia tudo. E ele teve a seu dispor naquele tempo uma excelente biblioteca organizada por seu amigo e mestre Pâfilio, sábio que atraía a si largo círculo de eruditos cristãos.

Escritores modernos que conhecem profundamente os tempos e escritos de *Eusébio* assinalam que ele

não era o tipo teórico. Antes, a sua mente estava sempre ocupada em adquirir a verdade de outros — dos seus contemporâneos, é verdade, mas especialmente dos homens letrados que o haviam precedido. Ele estava constantemente absorvendo fatos que pretendia transmitir aos outros como uma descrição verídica da Igreja Cristã.

Moveu-se imperturbado, numa atmosfera de erudição, até que a grande perseguição de Diocleciano, iniciada em 303, caiu sobre os cristãos com toda a sua fúria. Ele escapou com vida, embora fôsse testemunha ocular da mutilação e do martírio de muitos amigos e companheiros seus.

Entre os anos 311 e 318 foi nomeado Bispo de Cesaréia, e foi largamente conhecido dos seus contemporâneos como homem douto e famoso escritor. De fato, os

seus estudos, as suas oportunidades de investigação, a sua experiência e os seus dotes naturais bem o aparelhavam para produzir as obras históricas que lhe granjearam o título de "Pai da História da Igreja".

Embora fôsse um escritor muito alentado em muitos terrenos, foram os seus trabalhos no terreno da história da Igreja que beneficiaram especialmente as gerações que se lhe seguiram, mesmo até hoje.



Ele é um registrador de fatos que podem ser acreditados; porquanto, como o disse um escritor moderno, "o seu direito à grandeza repousa na sua vasta erudição e no seu rigoroso senso. Os seus poderes de aquisição eram notáveis, e era incansável a sua diligência no estudo. Ele tinha a seu mando, indubitavelmente, mais material adquirido do que qualquer homem na sua época... Visava a pôr os seus leitores de posse do saber que êle próprio adquirira, mas era sempre bastante consciencioso para parar aí

e não tentar fazer a fantasia desempenhar o papel de fato".

Hoje, muitos historiadores situam a conclusão da *História da Igreja* de Eusébio no ano 324 da era cristã. No ano seguinte Eusébio estava presente e desempenhava papel importante no primeiro concílio mundial ou ecumênico daquilo que então era conhecido (e é conhecido hoje) como a Igreja Católica. Isso tornou-se possível pela liberdade de religião e de reunião religiosa proclamada pelo Imperador Romano Constantino. Delegados vindos das principais partes do mundo cristão, com a proteção do Imperador, viajaram para a cidade de Nicéia e nela se reuniram — cidade essa desde muito destruída, mas que estava situada não muitas milhas a sudeste dessa que hoje é conhecida como a cidade de Istambul, na Turquia.

O concílio reuniu-se em 325 para proclamar a unidade da verdadeira Fé Cristã e prática religiosa para a Igreja Católica.

Na sua composição, na sua organização hierárquica e no seu processo, êsse concílio deveria ser um abridor de olhos para muitos católicos modernos e acatólicos igualmente.

Para os católicos êle mostra a sua Igreja vivendo, crendo, cultuando e regulando-se ao longo das mesmas linhas qual o faz hoje. Para os não católicos êle revela até onde as seitas cristãs de hoje se apartaram da Fé, do culto e da organização dos primeiros cristãos, que então estavam somente algumas gerações

distantes de Cristo e dos seus apóstolos.

Enquanto ler este folheto, imagine, se quiser, Eusébio, o historiador, no ano 325, atuando na qualidade de um profissional de imprensa ou de relações públicas do Concílio em Nicéia. O dever d'êle é informar os angariadores de noticias e todos os que estão interessados nos trabalhos do Concílio. Isto significa que êle está falando a você. E não só explica o que está sendo feito e por quê,

mas, na sua qualidade de historiador, e com a sua clara e acurada visão do passado, fornece-lhe material de fundo tirado da sua *História da Igreja* então recém-escrita. Cita coisas não somente dos seus próprios escritos, mas também do seu conhecimento daquilo que outros disseram e escreveram, mesmo se os escritos dêstes não chegaram até nós senão pelos excertos que foram preservados nas obras d'êle.



O "Concílio da Vitória" em Nicéia

Permita-me fazer a minha própria apresentação. Meu nome é Eusébio Pamfili. Sou Bispo da Igreja Católica na cidade de Cesaréia, na Palestina, e membro do primeiro Concílio Ecumênico da Igreja Católica aqui em Nicéia, neste ano do Senhor 325.



A não ser pela ameaça de febre palustre, este lugar é ideal. A cidade de Nicéia pode orgulhar-se de mais de seis séculos de existência. A despeito do que outros possam dizer, ela se considera a metrópole da Bitínia. Postando-se num elevado monumento no centro da cidade, você pode ver em baixo as largas avenidas que vão ter às quatro portas. Ao norte é a estrada para Nicomedia, onde o nosso mui gracioso Imperador Romano, o grande Constantino, instalou o seu quartel-general temporário. Digo temporário por ser bem sabido que ele está reconstruindo Bizâncio, sobre o Bósforo, para ser sua capital permanente. Quando Bizâncio se tornar Constantinopla, Nicéia estará bem situada. Ao sul você vê as muralhas que se estendem até o Lago Ascânio; dali um rio corre para dentro do

Propontis, e dali você pode navegar ou para a nova cidade de Constantino ou para o mar Egeu, com acesso a todos os países agrupados à volta do Mar Mediterrâneo.

Se você tiver curiosidade de saber por que tantos de nós aqui nos reunimos, vindos de todas as partes do Império Roma-

no, terei imenso prazer em explicar-lho. Estou organizando uma descrição dos acontecimentos que aqui têm lugar, um livro que pretendo escrever: *A Vida de Constantino*. Mais do que isso, sinto-me confiante de poder fornecer-lhe boa soma de fundamentos para esta ocasião histórica. Não me será incômodo, asseguro-lhe. Passei a maior parte da minha vida colhendo dados para uma história da Igreja Cristã. Mas suponho que homens ocupados como você raramente têm tempo para ler a minha *História Eclesiástica* em dez volumes. Com sua licença, pois, assinalarei alguns dos fatos mais salientes versantes sobre esta assembléia. Se alguém estiver interessado em obter a completa descrição do que vai ser tão brevemente esboçado nestas entrevistas, saberá onde

achá-la nos meus livros. Contudo, posso acrescentar, com tôda humildade, que, embora eu me haja especializado na história da Igreja fundada por Nosso Senhor Jesus Cristo, não tenho monopólio sôbre as fontes. Há uma porção de outras autoridades nestas matérias; posso ter de vez em quando ocasião de me referir a algumas delas.

Ontens sangrentos. Primeira-mente deixe-me observar que esta é, desde o tempo dos Apóstolos, a primeira vez, que se reúnem os bispos de todo o mundo cristão. Sim, desde que os Apóstolos saíram pelo mundo a pregar o Evangelho a tôdas as nações não houve reunião tal da hierarquia católica. Porque você vê que, até doze anos atrás (313), quando o nosso mui gracioso Imperador publicou



o seu Editto de Tolerância, a política perseguidora da Roma Imperial tornava tal reunião praticamente impossível. Até então, como disse um dos nossos filósofos cristãos, “nós somos decapita-

dos, somos crucificados, somos expostos às feras, somos torturados com grilhões e pelo fogo e pelos mais terríveis tormentos” (Justin, *Diálogo com Trifon*, 110). Realmente, o nosso grande advogado africano, Tertuliano de Cartago, pôde assim resumir a atitude oficial: “Não é legal para você o existir” (*Apologeticum*, 4). Contudo, isto não o impediu de lançar o desafio aos perseguidores oficiais, dizendo: “Façam eles como pior puderem, pois “o sangue dos cristãos é semente” (*ibidem*, 50).

Presente tranqüilo. Hoje essa predição está cumprida. Agora, não sômente nós cristãos podemos existir e reunir-nos em assembleia aberta, como também a boa vontade do Imperador muito contribuiu para que isso fôsse levado a efeito, pois êle permitiu a alguns o uso dos meios públicos de transporte, enquanto a outros proporcionava amplo suprimento de cavalos para seu transporte. Também o lugar escolhido para o concílio, a cidade de Nicéia na Bitínia — chamada da Vitória — era apropriado para a ocasião ... Parece evidente que todo êsse procedimento foi obra de Deus, visto como homens que tinham estado mui largamente separados, não só em sentimento, mas também pessoalmente, e por diferença de país, lugar e nação, foram aqui postos juntos e compreendidos dentro dos muros de uma só cidade... formando, por assim dizer, uma vasta grinalda de sacerdotes, composta de uma variedade das mais escolhidas flôres”

(Eusébio, *Vida de Constantino*, 3, 6).

Elenco episcopal. Receio que o meu júbilo me haja traído com uma linguagem mais florida do que é conveniente a historiadores sóbrios. Você estará querendo detalhes mais prosaicos: o pessoal desta convenção, e alguma estatística. Suporte-me mais uma vez enquanto eu leio coisas tiradas das minhas próprias notas sobre a cena: "Uma simples casa de oração, embora divinamente engrandecida, bastou para conter imediatamente Sírios e Cilícios, Fenícios e Árabes, delegados da Palestina e outros do Egito; Tebanos e Líbios, com os que vieram da região da Mesopotâmia. Um bispo persa também estava presente nesta conferência, nem faltava também ao número um Cita. O Ponto, a Galácia e a Panfília, a Capadócia, a Ásia e a Frígia forneceram os seus mais distintos prelados; enquanto que os que habitavam nos mais remotos distritos da Trácia e da Macedônia, da Acaia e do Epiro, também estavam, não obstante, presentes. Até da própria Espanha, um cuja fama estava largamente difundida tomou o seu assento como um individuo na grande assembléia. (Aqui estou-me referindo ao Bispo Hósio, de Córdoba, principal representante do nosso Santo Padre Silvestre, de Roma, mais adiante mencionado). O Prelado da cidade imperial foi impedido de comparecer, por extrema velhice, mas os seus sacerdotes estavam presentes e lhe fizeram as vêzes" (*Ibid.*, 3, 7).



Estatística. Quanto ao número dos bispos, cheguei a contar para mais de 250 (*Ibid.*, 3, 8), embora meu jovem amigo o Diácono Atanásio, de Alexandria, declare que há exatamente 318 (*Carta aos Africanos*, 2). Esses alexandrinos são grandes astrônomos e matemáticos; devem ser bons em estatística. Mas, em aditamento aos bispos, "os sacerdotes e diáconos e a multidão de acólitos e outros assistentes era inteiramente incontável" (Eusébio, *Vida de Constantino*, 3, 8).

Que contraste com a primeira reunião de bispos cristãos! Perdoe-me se, por alguns momentos, eu viro as páginas da história e lanço um olhar retrospectivo para o cenáculo de Jerusalém onde os Apóstolos do Senhor se reuniram depois da Ascensão dêste. O seu primeiro negócio foi escolher um sucessor para o traidor Judas Iscariote (At 1, 12). Porque naqueles dias a Igreja inteira contava apenas algumas centenas de pessoas: 120 são aqui mencionadas nos Atos (1, 15), enquanto

que Paulo fala de umas 500 (1 Cor 15, 16): Quem teria pensado que, em menos de três séculos, essas poucas pessoas amedrontadas difundissem as suas idéias ao longo e ao largo do dilatado Império Romano!

Razão básica para o crescimento. Alguém cuidou disso. E foi Jesus Cristo, que predisse: "O Reino do Céu é como um grão de mostarda que um homem tomou e semeou no seu campo. Esta é, em verdade, a mais pequena de todas as sementes, mas, quando cresce, é maior do que todas as hortaliças, e torna-se uma árvore, de tal modo que as aves do ar vêm e lhe habitam nos ramos" (Mt 13, 31-32). Quero frisar isto: é minha honesta convicção que a única explicação real, a única causa adequada para essa rápida difusão da Igreja Cristã é o poder de Cristo, nosso Senhor e nosso Deus. Ela é simplesmente um milagre — e entendo isto no sentido estrito dêsse termo estafado — ela só é explicada pelo poder de Deus e só ao poder de Deus é atribuível.

Convicção missionária. Você quer explicações e fatores contributivos mais tangíveis. Pois bem: eu lhe concedo haver Cristo usado instrumentos humanos.

Estes foram, antes de tudo, os Apóstolos, e, depois, os sucessores destes. Todos estavam convencidos do fato da Ressurreição de Cristo, e eram destemerosos em proclamar essa "boa-nova" a cada um, mesmo com risco da própria vida. Esse espírito dinâmico e êsse entusiasmo foram evidentes

quando Pedro e João foram presos pelo Sinédrio judeu, o próprio tribunal que condenara Jesus à morte. Durante a Paixão do Senhor, êsses mesmos Apóstolos haviam fugido; agora, convencidos pela Ressurreição, e tornados eloqüentes pela descida do Espírito Santo, declaram: "Príncipes do povo e anciãos, se nós hoje somos julgados por causa do bem feito a um homem enfermo, pelo modo como foi êle curado, de todos vós e de todo o povo de Israel seja conhecido que em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo Nazareno, que vós crucificastes, e que Deus ressuscitou dos mortos, é que êle aqui está em pé diante de vós, são" (At 4, 9-11).

Embora batidos e ameaçados com morte, êsses Apóstolos persistem impávidos: "Se é justo diante de Deus escutar a vós mais do que a Deus, julgai-o vós mesmos; pois nós não podemos deixar de falar do que vimos e ouvimos... Devemos obedecer a Deus antes que aos homens" (At 4, 19; 5, 29).

Não se pode sustar uma coragem inspirada como essa; nada pode detê-la. Todos os ulteriores perseguidores da Igreja teriam feito bem prestando a atenção ao que disse aquêle sábio membro do conselho judeu o Dr. Gamaliel. O seu conselho, embora desatendido, foi certo: "Se êste plano ou esta obra é de homens, desvanecer-se-á. Mas, se é de Deus, não sereis capazes de destruí-la; para que não vos acheis talvez lutando mesmo contra Deus" (At 5, 38-39).



Um dos perseguidores judeus, Saulo, de Tarso, discípulo dêsse mesmo Gamaliel, ainda teve de aprender duramente essa lição. Na estrada de Damasco, por onde ia para deter os cristãos, êle foi derrubado do seu cavalo por intervenção divina, para ouvir uma censura do seu próprio Mestre: "Saulo, Saulo, por que me persegues?" (At 9). E Saulo, o perseguidor, tornou-se Paulo, o Apóstolo, modêlo que é de muitas conversões sem explicação humana satisfatória.

Dispersão apostólica. Mas atendamos ao nosso esboço do desenvolvimento cristão; resumamos a nossa rápida visão da expansão da Igreja. "Os Santos Apóstolos e discípulos de nosso Salvador foram dispersados através do mundo. A Pártia, segundo a tradição, foi confiada a Tomé como seu campo de trabalho; a Cítia a André; e a Ásia a João, que, depois de ali viver algum tempo, morreu em Éfeso. Pedro parece ter pregado aos Judeus da Dispersão no Ponto, na Bitínia, na

Capadócia e na Ásia, e, por fim, vindo para Roma, foi crucificado de cabeça para baixo, por ter pedido sofrer dêsse modo. Que precisamos dizer a respeito de Paulo, que pregou o Evangelho de Cristo de Jerusalém à Ilíria, e depois sofreu o martírio em Roma sob Nero?" (Eusébio, *História Eclesiástica*, III, 1). Herodes Agripa "mandou matar a espada Tiago, irmão de João" (At 12, 2). Josefo, o grande historiador judeu, diz-nos do outro Apóstolo Tiago: como os judeus, "tendo-o acusado, com certos outros, de lhes violar a lei, entregaram-no para ser lapidado" (*Antiguidades dos Judeus*, 20, 9). E assim com os outros. Exceto João, todos foram mortos por causa das suas convicções, e mesmo João foi milagrosamente preservado.

Messe apostólica. E qual foi a messe dêsse sangue dos Apóstolos? "Sob a influência do poder celeste e com a cooperação divina, o ensino do Salvador, como os raios do sol, prontamente iluminou o mundo todo... Em cada cidade e aldeia igrejas foram prontamente estabelecidas" (Eusébio, *História*, II, 3).

Por êsse tempo os pagãos haviam-se tornado tão cépticos a respeito dos seus tolos mitos, e fábulas de deuses e deusas, tão desgostosos das práticas imorais feitas por todos e no entanto reprovadas pela consciência, tão cansados da pêca e velha consolação do "comamos, bebamos e alegremo-nos, pois amanhã morreremos", — que estavam famintos de uma religião sublime e pura.

Quando não sômente ouviram falar de tal religião, mas também a viram praticada pelo povo cristão de vida sem mancha e de coragem invencível, tornaram-se ansiosos por abraçá-la. Depois, enlevados com a sua recém-achada felicidade e paz de alma, êsses convertidos, tanto os leigos, homens e mulheres, como o clero, não podiam descansar enquanto não transmitiam essa boa-nova aos seus amigos e conhecidos, e até mesmo aos seus inimigos e perseguidores. O Evangelho cristão era particularmente bem recebido pelos escravos e pelos pobres, êsses esquecidos de uma sociedade egoísta. E, assim, não deve você fixar a sua atenção na mais espetacular pregação da doutrina de Cristo no mercado público, a ponto de descurar essa firme penetração da sociedade pelo vulgo, como a massa do pão pelo fermento.

Universalidade cristã. Será que essa mensagem cristã foi católica, isto é, universal, logo desde o comêço? Ora, precisamente sobre esta questão vital surgiu a primeira disputa na Igreja. A despeito do mandado de Cristo de ensinar tôdas as nações (Mt 28, 19), apesar do batismo do gentio Cornélio por Pedro (At 10), alguns convertidos judeus procuravam monopolizar para si mesmos o cristianismo, ou, pelo menos, forçar os convertidos gentios a aceitarem as práticas da lei mosaica inteira. Todavia, os Apóstolos assim não entendiam. Reunindo-se em Jerusalém durante o reinado de Cláudio (41-54),

êles ouviram o seu chefe Simão Pedro rememorar-lhes que êles não eram redimidos pelas obras da Lei Mosaica, mas que “nós somos salvos pela graça do Senhor Jesus, tal como o são êles” (At 15, 11). Esta decisão tranquilizou os antioquenos, em cuja cidade o problema chegara a uma solução. Ali, sob a própria inspeção de Pedro, tantos gentios já haviam aderido à Igreja, que os membros desta já não podiam ser classificados como judeus; assim, “em Antioquia é que os discípu-



los foram pela primeira vez chamados cristãos” (At 11, 26). E é um sucessor de Pedro na igreja de Antioquia, Inácio Teóforo, quem nos fornece — no reinado de Trajano (98-117) — a primeira prova do atual sobrenome da Igreja Cristã. Porquanto êle diz: “Onde o bispo aparece, ali está o povo, tal como onde está Jesus Cristo, aí está a Igreja Católica” (*Carta aos Esmirnios*, 8).

Ulterior expansão. Pedro, por certo, não ficou em Antioquia, mas prosseguiu para Roma, da

qual fêz o seu quartel-general permanente. De Roma, a fé cristã foi levada a Alexandria, no Egito, pelo secretário de Pedro, Marcos, o autor do segundo Evangelho. "Esse Marcos foi o primeiro a ser enviado ao Egito, e proclamou o Evangelho que havia escrito, e foi quem primeiro estabeleceu igrejas em Alexandria" (Eusébio, *História*, II, 16). Alexandria tornou-se um centro cristão de erudição quando a sua escola catequética foi elevada à verdadeira categoria de colégio pelos hábeis doutores Panteno, Clemente, Orígenes e Dionísio, o Grande. Paulo também "tinha inúmeros colaboradores ou "co-milicianos", como êle lhes chamava... Timóteo, assim é relatado, foi o primeiro a receber o episcopado da paróquia em Éfeso, e Tito o das igrejas em Creta... Paulo atesta que Crescêncio foi enviado à Gália, porém Lino, que êle menciona na Segunda Epístola a Timóteo (4, 21) como seu companheiro em Roma, foi o sucessor de Pedro como Bispo da igreja ali... Também Clemente, que fôra nomeado terceiro bispo da igreja em Roma, foi, conforme Paulo testifica, seu colaborador e co-miliciano..." (Eusébio, *História*, III, 4, citando Filip 4, 3).

Historicidade cristã. Mas eu não desejo enfiá-lo com listas de nomes. Meu único objetivo ao apresentar êstes foi mostrar que nós cristãos guardamos listas cuidadosas dos nossos chefes principais, os nossos bispos. A nossa história não é nenhuma fábula

romântica, não é nenhuma lenda inverificável, mas sim um fato científico sério. Temos os nossos livros, os Evangelhos, os Atos, as Cartas dos Apóstolos; todos êstes suportarão todo e qualquer exame honesto para história objetiva. Mas também damos grande importância à transmissão do ensino de Cristo por palavra de bôca; na verdade, por uns vinte anos, até mesmo os relatos evangélicos foram por essa forma preservados pelos Apóstolos. Documentos podem ser forjados, mas o testemunho oral de homens fidedignos dispostos a morrer pelas suas convicções — isto proporciona real segurança.

E nem há nessa linha de transmissão doutrinária tantos erros como você poderia pensar. Deixe-me dar-lhe um exemplo. O Apóstolo João viveu até idade avançada. Clemente de Alexandria relata que "a igreja em Éfeso, que foi fundada por Paulo, e onde João permaneceu até o tempo de Trajano (98-117), é uma fiel testemunha da tradição apostólica" (Eusébio, *História*, III, 23). Ora, o Apóstolo João instruiu pessoalmente Policarpo, a quem nomeou Bispo de Esmirna, como o registra o nosso Tertuliano (*Prescrição dos hereges*, 32). Policarpo, por sua vez, viveu até idade avançada, porque, quando lhe é mandado negar Cristo, êle redargui aos oficiais perseguidores: "Oitenta e seis anos o tenho servido, e êle não me fêz mal; como posso, pois, blasfemar meu Rei que me salvou?" (Eusébio *História*, IV 15). Então Policarpo foi

morto enquanto rezava pela "Igreja Católica universal" (*Atas do Martírio*, 8). E bem fazia êle, pois um dos seus discípulos, Irineu, breve viria a ser bispo da distante Lião, na Gália. Esse Irineu lembra: "Posso dizer o próprio lugar onde o beato Policarpo costumava sentar-se quando discursava, as suas idas e vindas, o seu modo de vida e a sua aparência pessoal, e os seus sermões ao povo, nos quais descreveria o seu trato com João e com o resto daqueles que o Senhor enviara, e como relataria as palavras dêles. Tudo quanto dêles ouvira sôbre o Senhor, sôbre os seus milagres e o seu ensino, Policarpo, havendo-o recebido de testemunhas oculares do Verbo de Vida, relatá-lia de perfeito acôrdo com as Escrituras" (Carta a Florino, citada por Eusébio, *História*, V, 20). Esse Irineu (morto em 202), que se tornou mundialmente famoso, morreu há pouco mais de um século (202). O que eu, portanto, estou querendo frisar é que, mesmo se não tivéssemos Escrituras, ainda poderíamos ter tradição fidedigna através de três gerações de homens afiançáveis: de João, o Apóstolo, através de Policarpo, o Mártir, até Irineu, Bispo, autor e mártir.

Crescimento cristão. Não temos o número exato de cristãos naquele tempo. Tal censo seria impossível. Mas note isto. Durante o reinado de Trajano, o Governador Plínio, da Bitínia, assim relata ao Imperador: "Homens de toda idade e condição, de ambos os sexos, são postos em perigo pe-



los acusadores, e o processo prosseguirá, porque o contágio dessa superstição (assim diz êle) tem-se espalhado não só pelas cidades, mas também pelas aldeias e fazendas" (Plínio, *Cartas*, X, 96).

Uns cinqüenta anos mais tarde já não se trata mais de uma igreja local, porque aqueles que referiam o martírio de Policarpo em Esmirna se dirigem aos "convertidos da Santa Igreja Católica residentes em qualquer lugar", sob Cristo, "o Pastor da Igreja Católica universal" (*Atas do Martírio*, 1, 19). Pelo mesmo tempo Justino, o filósofo, pensa que "não há raça, de bárbaros ou de gregos... nem mesmo de nômades sem casas... entre os quais orações e ações de graças não sejam recitadas, em nome de Jesus crucificado, ao Pai e Criador de todos" (*Diálogo com Trifão*, 117).

Outro meio século mais tarde, Irineu refere a respeito da Gália: "As igrejas que foram plantadas na Germânia não crêem nem

transmitem coisa alguma diferente, nem as da Espanha, nem as da Gália, nem as do Oriente, nem as do Egito, nem as da Líbia, nem as que foram estabelecidas nas regiões centrais" (*Contra as heresias*, I, 10).

Assim, a fé cristã marchava avante. Menos de um século antes, o sábio Orígenes, reitor da Academia Alexandrina, podia explicar: "Antes da vinda de Cristo, quando foi que a terra da Bretanha concordou com a religião de um só Deus? quando foi que o fez a terra dos Mouros? quando o mundo todo junto? Entretanto, agora, através das igrejas que se estendem até os confins do mundo, a terra inteira pronuncia com alegria o nome do Senhor" (Homília IV sobre Ezequiel, 1).

O encontro Niceno. Hoje você vê bispos, padres e diáconos de todo o mundo católico encontrando-se abertamente em Nicéia. Muitos são sobreviventes da última grande perseguição sob os Imperadores Diocleciano e Galério. Há menos de vinte anos o Bispo Filéias de Thmuis, no Egito, escrevia: "Os beatos mártires que conosco viveram... sofreram por amor de Cristo tôdas as penas, todos os tormentos que podiam ser inventados, e alguns não

uma vez só, senão várias vezes... Foram batidos com varas, chicotes, correias, cordas... Alguns, com as mãos atadas por trás, eram colocados no cavalete, enquanto todos os seus membros eram esticados por uma máquina... Os executores rasgavam-lhes com garfos de ferro não somente os lados, mas também o ventre, as pernas, e até mesmo as faces. Alguns eram pendurados no pórtico por uma das mãos... alguns eram amarrados a colunas... sem que os pés lhes tocassem o solo..." (Eusébio, *História*, VIII, 10). Não é de admirar que às vezes as espadas dos executores se embotassem. Não admira que muitas vezes piedosos parentes e amigos nada mais pudessem fazer do que enterrar as vítimas em massa: você pode ler nas catacumbas: "150 mártires de Cristo"; "Marcela e 550 mártires de Cristo". Os Imperadores Romanos Nero, Domiciano, Trajano, Marco Aurélio, Severo, Maximino, Décio, Galo, Valeriano, Diocleciano, Galério — todos procuraram exterminar a Igreja, e hoje o sucessor deles, Constantino, honra-a. Não é verdadeiramente um "Concílio da Vitória"? — uma vitória sobre a perseguição?

Quem foi que presidiu o Concílio de Nicéia?

Que é isto? Será que ouvi você chamar-me presidente d'êste Concílio de Nicéia? Isto não é certo. Sou Bispo de Cesaréia, na Palestina.

O seu mal-entendido origina-se da sua pouca familiaridade com o *governo eclesiástico*. Talvez que uma breve explicação ajude a esclarecer alguns pontos.

Primeiramente você deve compreender que em qualquer concílio da Igreja os membros qualificados são bispos, sucessores dos Apóstolos de Cristo. Na verdade, eles são assistidos por sacerdotes e diáconos, alguns dos quais são técnicos peritos, como o diácono Atanásio de Alexandria. Contudo, sempre a responsabilidade e o voto decisivo cabe aos bispos.

Como você sabe, Cristo teve muitos discípulos, mas só confiou o poder de governar a um corpo de doze, chamados Apóstolos. Lucas alude a isto no seu Evangelho: "Quando amanheceu, ele chamou os seus discípulos, e deles escolheu doze, aos quais também chamou apóstolos" (Lc 6, 13). Ora, "apóstolo" quer dizer enviado, isto é, delegado para falar



por Cristo. Ele já não é mais um mero discípulo ou aprendiz; é chamado para ser mestre.

Depois da sua Ressurreição, é aos onze Apóstolos fiéis que Cristo diz: "Assim como o Pai me enviou, assim também eu vos envio... Recebei o Espírito Santo; a quem perdoardes os pecados se lhes-ão perdoados, e

quem os retiverdes ser-lhes-ão retidos" (Jo 20, 21). Mais uma vez, o termo acentuado é enviar. Os Apóstolos devem continuar a própria missão que Cristo recebeu de seu Eterno Pai. E a êsse mesmo grupo de Apóstolos é que o Senhor diz pouco antes da sua Ascensão: "Todo poder me foi dado no céu e na terra. Ide, pois, e ensinai tôdas as nações, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-as a observar tudo o que eu vos mandei. E eis que eu estou convosco todos os dias até à consumação dos séculos" (Mt 28, 18). E' então surpreendente que a tais plenipotenciários Cristo diga: "Quem vos recebe a mim me recebe" (Mt 10, 40).

Sucessão Apostólica. Mas vejo que você está para me perguntar

qual é a conexão que existe entre os Apóstolos de Cristo e os bispos católicos reunidos aqui em Nicéia.

Simplemente esta: os bispos — isto significa “vigias” — são os sucessores dos Apóstolos pela vontade de Cristo. Quando Cristo disse aos Apóstolos que ficaria com eles até o fim dos séculos, evidentemente entendeu que eles teriam sucessores, pois muitas vezes ele predisse que eles seriam mortos (Mt 10, etc.).

Na minha descrição da expansão da Igreja, tive ensejo de mencionar, de passagem, os nomes de alguns dos sucessores imediatamente escolhidos pelos Apóstolos primitivos. Agora deixe-me dar-lhe um relato contemporâneo oriundo de um sucessor que estava à mão como testemunha ocular dessa crucial “mudança da guarda” da tradição cristã, dessa importantíssima transmissão da tocha do saber cristão. Essa testemunha era Clemente de Roma, que conheceu pessoalmente tanto Pedro como Paulo — este último a ele se refere numa de suas cartas (Filip 4, 3). Clemente, escrevendo uns sessenta anos depois da Ascensão do Senhor, e enquanto o Apóstolo João ainda vivia, para contradizê-lo se necessário, declara: “Os Apóstolos receberam do Senhor Jesus Cristo, para nós, o Evangelho; Jesus Cristo foi enviado por Deus. Portanto, Cristo é de Deus e os Apóstolos são de Cristo. De conformidade com isto, ambos vieram na devida ordem pela vontade de Deus... Os nossos Apóstolos também souberam, por intermédio de Nosso Se-

nhor Jesus Cristo, que haveria contenda sobre o ofício de bispo. Assim, por causa disto, tendo disso completa presciência, eles nomearam os homens supramencionados (bispos), e depois lhes deram um caráter permanente, de modo que, quando eles morressem, outros homens aprovados lhes sucedessem no ministério” (*Carta aos Coríntios*, 42, 44).

E’ por isto que Inácio de Antioquia (morto em 107 A. D.), também discípulo dos Apóstolos, insiste tanto sobre o governo episcopal, dizendo: “Jesus Cristo, nossa inseparável vida, por sua parte é o pensamento do Pai, tal como os bispos, embora nomeados através da vasta, larga terra, representam o pensamento de Jesus Cristo... Daí ser conveniente para vós agirdes em concordância



com o pensamento do bispo” (*Carta aos Efésios*, 3). E diz ao rebanho em Esmirna: “Deveis seguir a orientação do bispo, como Jesus Cristo seguiu a do Pai... Onde o bispo aparece, aí

esteja o povo, tal como onde está Jesus Cristo aí está a Igreja Católica" (Esmirnios, 8).

Listas episcopais. Ora, levaria muito tempo darmos os nomes de todos os bispos que sucederam aos Apóstolos em várias partes do mundo até os nossos dias. Mas temos tais listas, e elas estão abertas para exame. Mais de um século atrás, Tertuliano desafiava todos os que quisessem, dizendo: "Se houvesse quaisquer hereges bastante ousados para reivindicarem um fundamento durante a idade apostólica, de modo que eles pareçam, assim, derivar dos Apóstolos, por terem existido no tempo deles, podemos dizer-lhes: Que eles exibam os registros originais das suas igrejas. Mostram a lista dos seus bispos, estendendo-se em devida sucessão desde o começo, de modo que o seu bispo mostre como tendo por seu ordenante e predecessor um dos Apóstolos ou um dos discípulos dos Apóstolos. Porquanto nesta ordem as igrejas apostólicas apresentam os seus registros, tal como a Igreja de Esmirna mostra que Policarpo foi para ela nomeado por João (Tertuliano, *Prescrição de Hereges*, 32).

Ademais, eu mesmo organizei as listas de algumas das principais igrejas, aquelas a que chamamos patriarcais. Na minha *História Eclesiástica* você achará não somente os nomes dos Bispos de Roma em sucessão regressiva até S. Pedro (III-VII), mas também aqueles que se seguiram a Pedro em Antioquia até o meu contemporâneo Cirilo (III-VII);



e os de Alexandria desde Marcos, o Evangelista, até o Pedro dos meus próprios dias (II-VII); e finalmente aqueles que sucederam ao Apóstolo Tiago em Jerusalém até "Hermon, o último antes da perseguição nos nossos dias" (II-VII) (VII-32). Os registros ali estão todos; são do conhecimento público, ou podem sê-lo para quem quer que o deseje. Não há nada lendário ou secreto no fato histórico de serem estes bispos do Concílio Católico de Nicéia os sucessores legais dos Apóstolos de Cristo.

Presidência Romana. Entretanto, até agora ainda não abordei a sua questão implícita. Não expliquei por que sou o historiador antes que o presidente do Concílio Niceno. Deixe-me passar a este ponto. Embora eu tenha feito o discurso de abertura — por ser amigo pessoal do nosso gracioso Imperador Constantino, — não sou presidente do concílio. Este título pertence ao chefe de todos os bispos do mundo cristão católico, o Bispo de Roma, nosso

Santo Padre Silvestre. Embora não esteja aqui em pessoa, êle enviou seus delegados, o Bispo Hósio, de Córdoba na Espanha, e os sacerdotes romanos Vito e Vicente. Você verá que, quando as atas oficiais do concílio vierem a ser assinadas, as primeiras assinaturas não serão as dos bispos das grandes cidades orientais: Alexandre de Alexandria, ou Macário de Jerusalém, ou Eustátio de Antioquia. Registei a assinatura oficial aqui. Reza ela: "Hósio, Bispo de Córdoba, escreveu: "Assim creio como acima foi escrito. Vítor e Vicente, sacerdotes romanos, pelo venerável homem, nosso santo papa bispo, Silvestre, assinaram, sendo como acima escrito". Alexandre de Alexandria..." (Manuscript, *Amplissima Collectio Conciliorum*, II col. 692 ss.).

Agora quase posso ler os seus pensamentos. Ouço-o perguntar: Quem é êsse Papa Silvestre? Que valor tem êle? Uma boa pergunta, realmente, pois deve haver alguma boa razão para que todos êsses bispos, caracteres fortes, senhores em suas próprias casas, tenham cedido o primeiro lugar aos meros deputados e procuradores do ausente Bispo de Roma. Conforme você já terá observado, muitos bispos que aqui estão perderam uma das mãos ou um dos olhos, ou sofreram de algum outro modo na recente perseguição. São, pois, homens a um tempo corajosos e conscienciosos, homens dispostos a morrer antes que a trair qualquer ponto da fé cristã. Pode você agora prontamente com-

preender que tais homens não iriam ceder o primeiro lugar a um usurpador; nunca tolerariam a introdução de alguma nova super-autoridade não estabelecida por Cristo. E assim você já terá adivinhado a real explicação: Silvestre de Roma é chefe dos bispos, não por ser Roma capital do Império, mas por ser êle sucessor de Pedro, que pelo próprio Cristo foi feito chefe dos Apóstolos.

Eleição de Pedro. Por certo, eu quase não preciso mostrar a quem seja familiar com os nossos Evangelhos que Pedro desempenhou o papel principal entre os discípulos de Cristo. Isto resulta claro de três dos Evangelhos; o único Evangelho que lhe altera algum tanto as prerrogativas é o de Marcos, que escreveu sob as vistas de Pedro e não ousou ofender-lhe a humildade. Mas veja o que os outros têm a dizer.

Mateus registra a promessa feita por Cristo a Pedro da suprema autoridade, significada pela figura familiar das chaves: "Tu és Pedro, e sôbre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. E dar-te-ei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na terra será ligado no céu, e tudo o que desligares na terra será desligado no céu" (Mt 16, 18-19).

Ora, Lucas adita uma promessa da infalibilidade, isto é, uma segurança de que Pedro e os seus sucessores nunca ensinariam o êrro em matéria de fé cristã ou de moral: "Simão, Simão, eis que Sa-



tanás desejou ter-vos, para vos joeirar como trigo. Mas roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; e tu, quando fôres convertido, confirma teus irmãos" (Lc 22, 31-32).

Finalmente, João nos diz como êsses grandes poderes foram realmente conferidos a Simão Pedro depois da Ressurreição de Cristo. Então Cristo, o Bom Pastor, na iminência de ascender ao céu, deixa Pedro em completo encargo do seu rebanho todo: "Apascenta os meus cordeiros... Apascenta as minhas ovelhas... Apascenta as minhas ovelhas" (Jo 21, 15-17).

A *Chefia de Pedro*. Além disto, os *Atos dos Apóstolos* mostram Pedro tomando a iniciativa depois da Ascensão de Cristo: em escolher um substituto para Judas Iscariote (1); em pregar o primeiro sermão (2); em operar os primeiros prodígios milagrosos (3); em desafiar o Sinédrio (4, 5); em governar a comunidade cristã e em ordenar clérigos assistentes (5-6); em inspecionar

os campos de missão e em admitir convertidos gentios (8-10); e em presidir o primeiro concílio cristão em Jerusalém (15). Note como, depois da fala de Pedro nesta ocasião, "então a assembleia inteira se calou" (At 15, 12).



Pedro — Bispo de Roma. Mas Jerusalém não era destinada a ser o quartel-general permanente de Pedro. Já penetrei a fundo esta questão, e os fatos são conforme os registei: "Durante o reinado de Cláudio, a boníssima e graciosíssima Providência que vela por tôdas as coisas, levou a Roma Pedro, o mais forte e o maior dos Apóstolos — e o único que, por causa das suas virtudes era o intérprete de todos os outros..." (Eusébio, *História*, II, 14). Quais são as minhas fontes para esta importante asserção? Eis aqui apenas algumas.

Você acha Pedro falando-nos, em linguagem velada, que êle está em Roma: "Saúda-vos a igreja que está em Babilônia, eleita juntamente convosco" (I Ped 5, 13).

Naturalmente a velha perseguidora judia, Babilônia na Mesopotâmia, estava então grandemente em ruínas. Mas nenhum cristão convertido do judaísmo deixaria de compreender essa alusão à história judaica: "Babilônia" aí refere-se a Roma, moderna captora e perseguidora de judeus e cristãos. Isto é um elementar código "subterrâneo". João Evangelista refere-se muitas vezes a Roma dêsse modo, como Babilônia. (Apoc 14, 8; 16, 19; 17, 5; 18, 21). Certa vez êle quase deixa cair inteiramente o véu chamando-lhe a cidade "dos sete montes" (ibid., 17, 9) — as sete colinas de Roma, sem dúvida. Todo o modo de falar de Pedro, e especialmente a sua referência a uma "igreja", também torna claro que êle não estava simplesmente visitando Roma, mas ali estava em caráter oficial, presumivelmente como chefe da comunidade local.

Essa presunção é fortalecida por Paulo. Antes mesmo de ter visto Roma, êle protesta que não quereria "edificar sôbre fundamento de outro homem" (Rom 15, 15-20). Na verdade, êle não nomeia êsse "outro homem", mas não havia necessidade de fazê-lo, quando a Igreja inteira sabia do paradeiro dos principais Apóstolos de Cristo. E a saudação de Paulo à Igreja romana, i. é, "a vossa fé é anunciada no mundo inteiro" (Rom 1, 8), pode ser uma oblíqua referência a êle — Pedro, — "cuja fé não haveria de desfalecer" (Lc 22, 31).

O martírio romano de Pedro.
Mais tarde Paulo veio a Roma

e ali foi martirizado com Pedro. João insinua outro tanto no seu Apocalipse: "Exulta sôbre ela (Babilônia, aliás Roma), ó céu, e vós santos apóstolos e profetas, pois Deus julgou o vosso julgamento sôbre ela" (18, 20). Ao mesmo tempo, na própria Roma, o sucessor de Pedro, Clemente, informa-nos que "as maiores e mais retas colunas da Igreja foram



perseguidas e mesmo combatidas de morte. Ponhamos diante dos nossos olhos os bons Apóstolos. Lá estava Pedro, que, em razão de uma injusta inveja, suportou não um, nem dois, senão muitos julgamentos, e, assim, tendo dado o seu testemunho, passou ao seu designado lugar de glória" (*Carta aos Coríntios*, 5).

Uns setenta anos depois, o Bispo Dionísio, de Corinto, escrevendo para acusar o recebimento de uma carta do Bispo Sotero de Roma (o duodécimo Papa), diz: "Assim, por essa admonição, ligastes juntas as plantações de Pedro e de Paulo em Roma e em Corinto. Porque ambos igualmente plan-

taram na nossa Corinto e nos ensinaram, e ambos igualmente ensinaram juntos na Itália e sofreram o martírio ao mesmo tempo" (Eusébio, *História*, II, 25). Finalmente, há pouco mais de um século, Caio, um sacerdote em Ro-



ma, desafia uns pretensos turistas dizendo: "Posso mostrar-vos os troféus (tumbas monumentais) dos Apóstolos, porque, se fôrdes ao Vaticano ou à Via Óstia, achareis os troféus dos que lançaram os fundamentos desta igreja" (Ibid. II, 25).

Sucessão de Pedro. A esta altura, posso ver que você deduziu o nexo existente entre o primado de Pedro, fundador e primeiro bispo da Igreja em Roma, e o fato de o presidente desta assembléia em Nicéia ser Silvestre, o atual Bispo de Roma e nosso venerável pai em Cristo. Já lhe disse que compilei uma lista ininterrupta dos bispos romanos desde Pedro. Você pode verificar as fontes dos meus próprios registros na informação fornecida por Hegesipo da Síria (Eusébio, *Histó-*

ria, IV, 22), e por Irineu de Lião (*Contra as Heresias*, III, 3).

Talvez, no entanto, você se pergunte se algum dos sucessores de Pedro mostrou algo da chefia autoritária de Pedro. A êste respeito, note isto. Você se lembra de quanto trabalho os Coríntios deram a Paulo; que linguagem forte teve êste de usar para corrigi-los. Pois bem: depois da morte dêle, certa vez, durante o reinado de Domiciano, êsses turbulentos Coríntios revoltaram-se contra os seus sacerdotes locais. Quem é que deve revocá-los a um senso dos seus deveres? Será o Apóstolo João, que ainda vive? Não: é o sucessor de Pedro, Clemente, o quarto Bispo de Roma (92-101).

Veja em que têrmos fortes êles lhes escreve: "O Beato Apóstol Paulo... escreveu-vos a respeito de si mesmo e de Cefas e de Apolo porque até mesmo então éreis dados a tumulto... E' vergonhoso, meus amados, mui vergonhoso, e é indigno da vossa instrução em Cristo, ouvir dizer que a estável e antiga igreja dos Coríntios, por causa de uma ou de duas pessoas, devesse revoltar-se contra os seus sacerdotes... Portanto, vós, que lançastes o fundamento da rebelião, submetei-vos aos sacerdotes, e aceitai castigo para penitência... Mas, se alguns desobedecerem às palavras que por Ele (Cristo) foram ditas por nosso intermédio, fiquem sabendo que se envolverão em não pequena transgressão e perigo, mas nós sere-mos inocente dêsse pecado... Proporcionar-nos-eis alegria e júbilo se obedecerdes ao que nós escre-

vemos por mediação do Espírito Santo... Mandai-nos de volta prontamente os nossos legados, Cláudio Efebo e Valério Vito, juntamente com Fortunato, em paz com alegria, de modo que eles possam com presteza anunciar a paz e harmonia pela qual temos rezado e que tanto temos desejado" (*Carta aos Coríntios*, 47, 57, 59, 63).

Observe que nenhum simples bispo igual em categoria ousaria escrever tal carta a uma igreja como Corinto, fundada por um Apóstolo, o próprio grande Paulo — senão tendo autoridade sobre a Igreja de Cristo inteira, por sucessão a Pedro, chefe dos Apóstolos. Incidentalmente, veja como ele envia legados, tal como Silvestre tinha feito a Nicéia. Finalmente, mesmo se pudéssemos imaginar o Papa Clemente usurpando uma autoridade que não era sua, ele nunca teria sido obedecido por aqueles altivos Coríntios a não ser compreendendo eles que a autoridade dele era a autoridade de Cristo, como delegada a Pedro e aos seus sucessores. E sabemos que Clemente foi obedecido. O posterior Bispo Dionísio de Corinto "faz menção da carta de Clemente aos Coríntios, mostrando que tinha sido costume desde o começo lê-la na igreja" (Eusébio, *História*, IV, 23).

Reconhecimento do Primado Romano. Não mais de dez ou quinze anos depois da advertência de Clemente aos Coríntios, achamos Inácio, Bispo de Antioquia, escrevendo aos Romanos. Ora, se algum bispo pudesse suscitar uma pre-

tensão rival à chefia cristã contra o Bispo de Roma, esse seria o Bispo de Antioquia, onde Pedro trabalhara por algum tempo. Mas, longe de reclamar qualquer autoridade sobre a Igreja Romana, Inácio mostra deferência: "Não como Pedro e Paulo eu dou quaisquer ordens a vós. Eles eram Apóstolos; eu sou um convicto; eles eram livres, eu até este momento sou um servo" (*Carta aos Romanos*, 4).



No seu caminho para o martírio, Inácio escreveu sete cartas. Em outras missivas ele simplesmente saúda "a igreja que está em Esmirna", "a igreja que está em Filadélfia", etc.. Mas veja como seu estilo muda quando ele vem a se dirigir à Igreja Romana: "À Igreja que é amada e iluminada por vontade daquele que quis todas as coisas que existem, de acordo com o amor de Jesus Cristo Nosso Senhor, mesmo àquela que preside na região dos romanos, digna de Deus, digna de honra, digna de bênção, dig-

na de louvor, digna de prosperidade, digna na sua pureza e presidindo à confraternidade..." (ibidem, 1).

Sim, "presidindo à confraternidade"... note bem estas palavras!

Essa prerrogativa da "presidência" romana é repetida por Irineu (por volta de 140). Já frisei anteriormente a importância deste: ele era um "grão-discípulo" de João, o Apóstolo, familiarizado com o ensino e prática cristãs tanto no Oriente como no Ocidente. No seu tempo apareceu ali um grupo de sabidões chamados Gnósticos que pretendiam possuir uma "informação interior" sobre as verdades cristãs, alguma ciência oculta deixada a eles pelos Apóstolos. Refutando-os, Irineu cansou-se da verdadeira abundância de material que tinha a seu dispor. Daí, a fim de encurtar a discussão e desfechar um golpe de efeito, asseverou:

"Está no poder de quem quer que o deseje achar a verdade e conhecer a tradição dos Apóstolos, professada através do mundo em cada igreja. Também somos capazes de nomear aqueles que foram designados bispos pelos Apóstolos nas igrejas, e os seus sucessores até os nossos próprios tempos... Mas, já que seria muito tedioso, num livro como este, repassar as linhas de sucessão em cada igreja, confundiremos todas as pessoas que, ou por mau humor ou por vanglória ou por cegueira ou por perversidade de mente, de qualquer modo se coligam no erro, apontando-lhes

para a tradição derivada dos Apóstolos daquela grande e gloriosa igreja fundada e organizada em Roma pelos dois gloriosos Apóstolos Pedro e Paulo, e para a fé declarada à humanidade e transmitida ao nosso próprio tempo através dos bispos dela na sua sucessão. Porquanto, dessa igreja, por causa da sua posição de comando, cada igreja, isto é, os fiéis de toda parte, devem necessariamente depender, e nela a tradição que vem dos Apóstolos tem sido continuamente preservada pelos que são de toda parte..." (*Contra as Heresias*, III, 3).

"*Subsolo*" *Pétreo*. Agora devemos parar; não podemos cansá-lo citando testemunha após testemunha. Se você deseja acompanhar estes pontos e outros em maior detalhe, leia a minha *História*. Ali, por exemplo, você achará como o Papa Víctor expulsou da Igreja os bispos asiáticos por causa da sua obstinação sobre a celebração da Páscoa (5, 24); ou como os bispos da Síria e do Egito referiram à Igreja Romana a sua censura de Paulo de Samósata (7, 30). Tudo o que você tem a fazer é ler os documentos.

Quê! se vier a cogitar disso, nem sequer precisará ler. Entre nas catacumbas de Roma e olhe para os desenhos que há nas paredes. Veja Cristo dando a Pedro um rôlo de pergaminho com a inscrição: "O Senhor dá a lei". Este e outros desenhos comparam a delegação de Pedro na Nova Lei com a de Moisés sob a Antiga. Contemple Cristo em traje de pastor colocando um rebanho de ove-

lhas aos cuidados de Pedro. Desça à cripta vaticana, por baixo da basílica. O Imperador Constantino está-se convertendo à Igreja de Pedro; veja os corpos de Pedro e dos seus sucessores jacentes lado a lado. Entre no forum de Nero sôbre a Colina Vaticana. Deite um olhar àquele obelisco; êle fêz sombra ao real martírio de Pedro no circo, "entre os postes de meta" (Atos de Pedro, em Barnes, *Peter in Rome*, p. 97). Ou entre na nova Basílica do Salvador perto da Porta de Latrão, e inspecione o velho altar de madeira preservado desde o tempo em que Pedro oferecia o Sacrifício Eucarístico em Roma. Dê um passeio até o Charco da Cabra, ao Cemitério Ostriano entre a Via Salaria e a Via Nomentana. Aqui acredita-se que alguns dos primeiros convertidos de Pedro colocaram a sua vivenda à disposição de Pedro. Aqui você pode ver a própria cadeira de Pedro; Tertuliano menciona-a (*Prescrição dos Hereges*, 36). Cipriano chama cismáticos a todos os que se opõem aos ocupantes dela (*Carta* 59, 14).

Portanto, você não precisa ler livros para ficar sabendo que Pedro foi deputado de Cristo, que foi o primeiro Bispo de Roma, e que ali foi martirizado. Túmulos e monumentos, tanto como listas episcopais e testemunhos de escritores, afirmam que o nosso



venerável pai Silvestre, o trigésimo terceiro Papa, sucedeu a Pedro nas suas funções. Êle, e só êle, é o verdadeiro presidente dêste Concílio Niceno, e, mui prazerosamente, eu e todos os bispos católicos cedemos a tribuna a êle e aos seus representantes.

CREDO NICENO: CRISTO É DEUS

E para que fim é esta reunião? Eu já me estava perguntando o quanto demoraria fazer-me você esta pergunta. A resposta parece-me ser simplesmente esta: é para provar que a Igreja Cristã é sempre cristã.

Origens Arianas. Digo isto porque você deve compreender que este concílio foi convocado em Nicéia para tratar de um ponto fundamental da doutrina cristã. A origem da presente crise reside em Alexandria.

Ali, há uns seis anos, Ario, um dos principais pastores da cidade, contendeu com o Bispo Alexandre sobre a natureza de Cristo. Ora, logo desde o começo, sempre e em toda parte, a Igreja ensinou que não há senão um só Deus em três pessoas divinas: Pai, Filho e Espírito Santo. Este ensino foi incluído na última incumbência do Mestre aos seus discípulos, pois ele ordenou que eles batizassem "em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo" (Mt 28, 20). Contudo, eis vem Ario pretendendo que Cristo não era um Filho igual em natureza ao seu divino Pai: donde não ser Cristo Deus, mas meramente uma



criatura, um homem deificado ou adotado como divino.

O bispo de Ario e seus irmãos sacerdotes declararam-se contra ele. Mostraram que a interpretação dele ia contra a voz unânime da Escritura e da Tradição, e que ela contradizia a voz do céu que disse: "Este é meu Fi-

lho bem-amado em quem pus todas as minhas complacências" (Mt 3, 17). O modo de ver de Ario também punha de lado a solene afirmação de Cristo em face da morte; quero dizer quando, intimado pelo Sumo Sacerdote judeu Caifás a dizer se era o Filho de Deus, ele firmemente respondeu: "Disseste-o" (Mt 26, 63).

Essa posição que Ario assumia tornava sem significação os sofrimentos de Cristo; tornava ócas aquelas persistentes mofas dos inimigos de Cristo: "Se és o Filho de Deus, desce da cruz" (Mt 27, 40). Fazia mentirosos todos os Apóstolos e mártires que trabalharam e morreram pela verdade de haver a ressurreição de Cristo provado a sua divindade.

Para estar seguro, o Bispo Alexandre expôs num concílio local,

as temerárias afirmações de Ario. Mas, uma vez que Ario buscou refúgio junto ao meu homônimo o Bispo Eusébio de Nicomedia, a acusação de partidarismo poderia ser facilmente dirigida contra o Bispo Alexandre. Os de fora poderiam sempre suspeitar que Ario era simplesmente vítima de alguma rixa pessoal. Foi por isto que, depois de muito falar e mesmo amotinar-se, foi julgado prudente reunir os bispos de todo o mundo cristão para examinar os pontos em discussão. Sua mui graciosa majestade o Imperador Constantino apreciou o quanto a paz religiosa contribuiria para a ordem política. Daí ter sido mui cooperativo em organizar o concílio.



Conveniência Conciliar. Mas que é isto? Por que não referir a matéria inteira ao Papa Silvestre em Roma? Ótima observação; de fato, é uma observação muito animadora, pois me diz que a nossa última entrevista não foi inteiramente vã. Sim, à primeira vista pareceria que êsse desaguisado ariano em Alexandria poderia

simplesmente ser referido à Sé Apostólica Romana, tal como a disputa coríntia o fôra ao Papa Clemente, ou a Controvérsia Pascoal ao Papa Vítor, ou o caso do rebatismo africano ao Papa Estêvão. E eu lhe concedo que êste seria um método seguro e um método fácil. Porém nem sempre o meio mais fácil é o mais eficiente.

Se fôsse exclusivamente a *exposição* da fé verdadeira que nós desejássemos, certamente poderia dar-no-la o Papa Silvestre. Mas conseguir que a verdadeira fé fôsse *aceita*, isto já é outra coisa. Como você vê, as paixões tinham sido excitadas; sucessos eram confundidos com personalidades. As palavras eram mal compreendidas; por exemplo, alguns se perturbaram com o uso do termo grego "homooúsios", ou "consustancial", em mau sentido, pelo Concílio de Antioquia contra Paulo de Samósata, há mais de cinquenta anos. Pode êle, porém, ser usado em bom sentido hoje, e assim o entenderão muitos cristãos? Estas foram algumas das graves razões por que o Papa Silvestre julgou prudente dar à dificuldade ariana plena discussão.

Porque você deveria saber que, na Última Ceia, Cristo prometeu aos seus Apóstolos e aos sucessores dêstes que o Espírito Santo, o Paráclito ou Consolador, "ficará convosco sempre... ensinar-vos-á tôdas as coisas e vos lembrará tôdas as coisas que eu vos disse... ensinar-vos-á tôda a verdade" (Jo 14, 17, 26; 16, 13). Dêste Espírito Santo é que os Apóstolos estavam lembrados na-

quele primeiro Concílio de Jerusalém, quando pronunciaram o seu veredito final: "Porque o Espírito Santo e nós havemos decidido..." (At 15, 28).

Deliberação Nicena. Assim, depois de invocarem a guia dêsse mesmo Espírito Santo, e depois de concluírem as formalidades inaugurais, os padres do Concílio de Nicéia confiantemente concederam a Ario plena licença de apresentar os seus pontos de vista. Estes não mudaram substancialmente desde que êle pela primeira vez os apresentou em Alexandria. Dia após dia êle argumentava largamente que "o Filho é uma criatura, formada e feita; não é da substância do Pai". Os bispos, entretanto, acharam essas afirmações em positiva contradição com a asserção de Jesus: "Eu e o Pai somos um" (Jo 10, 22).



Não tardou muito que uma esmagadora maioria dos bispos percebesse que Ario ou estava iludi-

do ou era perverso, e destarte o único problema real era descobrir as palavras certas para exprimir o ensino católico. A solução estava implicitamente nas palavras de Cristo, mas tinha de ser deduzida: de que modo Cristo e o Pai eram um? Ario e os seus partidários diziam que êles não eram o mesmo em substância ou natureza. Por outro lado, Alexandre de Alexandria e o seu diácono, Atanásio, contradiziam isto pretendendo que Cristo era o mesmo em substância: "homooúsios" ou "consustancial". Embora sendo uma Pessoa divina distinta, êle tinha a mesma natureza divina que o Pai.

Compromisso repudiado. Depois de terem sido expressos êsses modos de ver, pensei chegado o tempo de entornar óleo nas águas turvas. De conformidade com isto, propus um compromisso. Suponha-se que deixemos a matéria indefinida: digamos simplesmente que Cristo é de natureza similar, pois a similaridade cobre uma multidão de sentidos ténueamente diferenciados.

E então aprendi uma lição que nunca esquecerei. Compromisso pode estar muito certo em política; pode ser a chave para trato social; mas trará brasas sôbre a sua cabeça se você o propuser a respeito da fé da Igreja Católica. Nada pode ser mais tenaz do que essa Igreja quando se trata de defender o ensino divinamente revelado recebido de Cristo. Imediatamente, em termos não incertos

foi-me dado a compreender pelos meus colegas que em doutrina não pode haver palavras dúbias, não pode haver especulação com a verdade depositada na Igreja como num banco por Cristo, o Mestre. Cristo era da mesma natureza que o Pai; assim o dissera êle; assim o haviam ensinado os Apóstolos; assim fôra transmitido; assim a Igreja Católica crê neste ano de 325; assim crerá até que Cristo volte em glória para julgar o mundo.

Unidade de Fé. Sôbre tal ponto de doutrina, portanto, não poderia haver diferença de crença na Igreja Católica. Agir de outro modo seria repudiar o próprio Cristo, que rogara a seu Pai: "Pai santo, guarda em teu nome aquêles que me deste, para que êles sejam um como nós somos um... A glória que me deste deia a a êles, para que êles sejam um como nós somos um: eu nêles e tu em mim, para que êles sejam consumados na unidade, e para que o mundo conheça que tu me enviaste" (Jo 17, 11, 22).

A prece de Cristo pela unidade certamente prevaleceu em Nicéia, o "Concílio da Vitória", por uma dupla razão. Todos os bispos, exceto cinco, sinceramente subscreveram o inflexível dogma do "homooúsios": consubstancialidade do Pai com o Filho. Assim, sucedeu que, como estava para inserir na minha próxima *Vida de Constantino*, "o resultado foi não somente terem êles estado unidos no tocante à fé, mas também haver sido o tempo para a

celebração da salutar festa da Páscoa accito por todos. Também, aquêles pontos que foram sancionados pela resolução do corpo inteiro foram confiados à escrita, e receberam a assinatura de cada membro. Então o Imperador, acreditando haver assim obtido uma segunda vitória sôbre o adversário da Igreja, resolveu celebrar uma festa triunfal em honra de Deus" (Eusébio, *Vida de Constantino*, III, 14). A decisão sôbre a Páscoa é: "Pelo unânime juízo de todos foi decidido que a santíssima festa da Páscoa deve ser celebrada em tôda parte num só e mesmo dia" (*ibidem*, III, 19).

O Credo Niceno. Para que a Fé Católica de Cristo seja preservada sem mudança contra futuros imitadores de Ario, os Padres nicenos redigiram uma fórmula de crença, um credo. Folgo de poder fornecer-lhe o texto oficial; é como segue:

"Cremos num só Deus, o Pai Onipotente, Criador de tôdas as coisas visíveis e invisíveis; e num só Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, Filho Unigênito do Pai, isto é, da substância do Pai; Deus de Deus, luz de luz, verdadeiro Deus do verdadeiro Deus, gerado, não feito, consubstancial com o Pai, por meio do qual tôdas as coisas foram feitas tanto no céu como na terra; o qual por nós homens e pela nossa salvação desceu (dos céus) e se encarnou, e se fêz homem; padeceu, e ressuscitou ao terceiro dia; subiu aos céus e virá a julgar os vivos e os mortos; e no Espírito Santo.

Os que dizem: houve um tempo em que ele não existia, e que ele não existia antes de ter sido gerado, e que ele foi feito do nada; ou que dizem que ele é de outra hipóstase ou de outra substância (que não a do Pai), ou que o Fi-

lho de Deus é criado ou é susceptível de mudança ou alteração, (êsses) a Igreja Católica e Apostólica anatematiza" (H. J. Schroeder, *Decretos Disciplinares dos Concílios Gerais*, p. 16).

UNIDADE DE FÉ...

FIDELIDADE NA SUA TRADIÇÃO

Estabilidade básica. O que eu lhe dei na nossa última entrevista não foram “novidades” no sentido ordinário do termo. O que eu quero dizer é que o Credo Niceno não diz nada que a Igreja Católica não tenha crido desde o começo. Tudo o que ela faz é reafirmar a sua crença em linguagem clara, precisa, inequívoca. Garanto-lhe que a Igreja estará recitando êsse credo daqui a cem, mil ou mesmo mais anos. Talvez que ulteriores explicações ou esclarecimentos tenham de ser adotados, se novos mal-entendidos surgirem, mas nunca qualquer coisa incluída no Credo em Nicéia será afastada. Desta Nova Lei de Cristo “nem um jota ou um ápice desaparecerá... até que tôdas as coisas se cumpram” (Mt 5, 18).

Porque, conforme o formulou o meu jovem amigo e co-observador dêste Concílio o Diácono Atanásio, “Os Padres em Nicéia... nunca disseram relativamente à fé: “é decretado”, mas: “assim crê a Igreja Católica”; e, ao mesmo tempo que declaravam o que criam, declaravam que isso não era inovação recente, mas sim doutrina apostólica. E confia-



vam essas coisas à escrita, não como por êles mesmos descobertas, mas sim como a mesma coisa que os Apóstolos haviam ensinado” (Atanásio, *Sôbre os Sínodos*, 5).

Estas duas idéias, unidade de fé e fidelidade de tradição, estão estreitamente ligadas. Porquanto não é só hoje que a Igreja Católica é unida na profissão comum do Credo de Nicéia; se você me seguir para trás até os Apóstolos, descobrirá que a Igreja é universal tanto no tempo como na extensão.

Fidelidade de transmissão. A esta fidelidade em transmitir os ensinamentos de Cristo e dos Apóstolos nós chamamos *tradição*. Irineu de Lião, de quem já falei antes, tem uma expressão viva e familiar que pode exprimir mais do que qualquer termo abstrato. Irineu concebe a verdade cristã como confiada à Igreja para salvaguarda: “Não é necessário buscar entre os outros a verdade que é fácil obter da Igreja, de vez que os Apóstolos, como um homem rico que deposita dinheiro num banco, lhes puseram nas mãos mui copiosamente tôdas as coisas per-

tinentes à verdade" (*Contra as Heresias*, III, 4).

Desempenhemos o papel de inspetores de banco, e inquiramos se, no decurso de três séculos, os mestres cristãos foram côncios do seu sagrado depósito.

Segurança de Cristo. Já recordei a prece do Mestre pela unidade por ocasião da Última Ceia. Mas nessa ocasião êle também assegurou ao depósito cristão a proteção permanente do Espírito Santo: "Rogarei ao Pai, e êle vos dará outro Advogado para ficar convosco para sempre, o Espírito de Verdade, que o mundo não pode receber, porque nem o vê nem o conhece. Mas vós o conhecereis, porque êle ficará convosco e estará em vós... O Advogado, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, ensinar-vos-á tôdas as coisas e vos lembrará tudo o que eu vos disse... Quando vier o Advogado que eu vos enviarei do Pai, o Espírito de Verdade que procede do Pai, êle dará testemunho de mim... Quando êle, o Espírito de Verdade, vier, ensinar-vos-á tôda a verdade..." (Jo 14, 16-17, 26; 16, 13).

Os *Atos dos Apóstolos* (2) relatam o cumprimento dessa promessa no Pentecostes, quando os Apóstolos "foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar várias línguas, conforme o Espírito Santo lhes dava de falar" (2, 4). Sem dúvida, a vinda do Espírito não quis dizer deserção de Cristo; embora invisível, diz-nos êste, "eu estou convosco

todos os dias até à consumação dos séculos" (Mt 28, 29).

Concílio de Jerusalém. Natural é, pois, que unidade de fé e fidelidade de transmissão fôssem claramente manifestadas quando os Apóstolos se reuniram no primeiro concílio eclesiástico em Jerusalém. Ali, "alguns da seita dos Fariseus" que haviam aceitado a fé cristã levantaram-se e disseram: "Eles devem ser circuncidados e também mandados observar a Lei de Moisés" (At 15, 5). Mas não conseguiram mudar o ensino tão recentemente recebido de Cristo. "Pedro levantou-se e lhes disse: "Irmãos, sabeis que nos dias passados ordenou Deus entre nós que por minha bôca os Gentios ouvissem a palavra do Evangelho e cressem. E Deus, que conhece os corações, declarou-se por êles, dando-lhes o Espírito Santo tal como o fêz conosco; e não fêz distinção entre nós e êles, mas, purificou-lhes os corações pela fé. Por que, pois, procurais agora tentar a Deus pondo na cerviz dos discípulos um jugo que nem nossos pais nem nós pudemos suportar? Mas nós cremos que somos salvos pela graça do Senhor Jesus, tal como o são êles" (At 15, 7-11).

Note-se, pois, a unanimidade da Igreja em preservar a tradição cristã: "Então a assembléia inteira se calou... Então os Apóstolos e sacerdotes com a Igreja tôda decidiram escolher representantes... porque ao Espírito Santo e a nós pareceu bem não lançar outros encargos sôbre vós..." (At 15, 12, 22, 28).

Solicitude Apostólica. O cuidado escrupuloso com que os primeiros dirigentes da Igreja evitavam qualquer pessoa ou qualquer coisa que pudesse pôr em perigo a fé é ilustrado por esta anedota: "O Apóstolo João entrou certa vez numa casa de banhos para se banhar; mas, sabendo que Cerinto (o herege Milenário) estava lá dentro, pulou fora do lugar e correu para fora da porta, por não poder suportar ficar sob o mesmo teto com êle. E aconselhou os que com êle estavam a fazerem o mesmo, dizendo: "Fujamos, antes que a casa de banhos caia; pois Cerinto, o inimigo da verdade, está lá dentro" (Eusébio, *História*, III, 28). Aparentemente, esta lição causou grande impressão no discípulo de João, Policarpo, pois outra história é relatada dizendo que "o próprio Policarpo, quando Marcion (o herege Gnóstico) certa vez encontrou-se com êle e disse: "Reconheces-nos"? êle respondeu: "Reconheço o primogênito de Satanás".



Precaução tal fêz os Apóstolos e os seus discípulos entenderem que não podiam nem sequer conversar com qualquer daqueles que pervertiam a verdade; conforme Paulo também disse: "Um homem herege, depois de uma primeira e de uma segunda admoestação, evitai-o" (Tito 3, 10, citado por Eusébio, *História*, IV, 14).

Docilidade dos fiéis. Mas talvez você pense que era só a hierarquia ou corpo dirigente da Igreja que mostrava êsse cuidado pela tradição. Somos felizes de ter uma espécie de manual ou livro de oração para os leigos fiéis, compilado, cremos, dentro de um século depois da Ressurreição do Senhor. Traz êle o significativo título: *Ensino do Senhor por intermédio dos Doze Apóstolos*, embora muito mais frequentemente se lhe faça referência sob o seu curto título grego, ou seja como a *Didaché*.

Abra êsse livrinho quase ao acaso e veja como êle considera altamente êsse depósito sagrado da fé cristã: "Meu filho, dia e noite guardai na memória aquêle que vos fala a palavra de Deus; honrá-lo-eis como ao Senhor, pois o Senhor está onde quer que o ensino do Senhor é pregado... Não desejeis nenhum cisma... Não abandoneis os mandamentos do Senhor, mas guardai aquilo que recebestes, sem acrescentar ou subtrair... Tomai cuidado de que ninguém vos desvie do caminho do *Ensino*, de vez que êsse ensino seria sem Deus... Portanto, se alguém vier a vós e vos ensinar tôdas as coisas sobredi-

tas, recebi-o; mas, se uma má pessoa vier e ensinar outra doutrina para contradizer essa, não a escuteis" (*Didaché*, 4, 6, 11).

Continuidade da Tradição. E assim a achará você sempre através dos anos cristãos. Deixe-me dirigir a orquestra cristã desde tôdas as partes do mundo católico. Hegesipo da Palestina fez uma peregrinação a Roma no tempo do Papa Aniceto (c. 160); em caminho "encontrou-se com muitíssimos bispos, e de todos êles recebeu a mesma doutrina. Convém ouvir o que êle diz: ... "Em tôda a sucessão (dos bispos) e em tôdas as cidades é observado aquilo que é pregado pela Lei e pelos Profetas e pelo Senhor" (Hegesipo, *Memórias*, citado por Eusébio, *História*, IV, 21).

Outro peregrino ido a Roma apenas alguns anos mais tarde, ou fôsse Irineu da Gália, afirma: "Conhecimento verdadeiro é o ensino dos Apóstolos e a antiga constituição da Igreja no mundo inteiro, e a manifestação distintiva do corpo de Cristo acorde com a sucessão dos bispos pela qual êles transmitiram essa Igreja que existe em todos os lugares e que chegou até nós, sendo guardada e preservada, sem qualquer forjamento de Escrituras, por um completíssimo sistema de doutrina, e não recebendo nem adição nem encurtamento, e sendo lido sem falsificação" (*Contra as heresias* IV, 33).

Da África, Tertuliano (circa 150-160) reivindica para a Igre-

ja Católica o direito de prescrição à verdade religiosa: Os Apóstolos "pregaram aquilo que Cristo lhes revelou, e isto que eu prescrevo não deve ser provado de outro modo a não ser através das mesmas igrejas que os Apóstolos fundaram pregando-lhes *viva voce*, como dizem êles, e mais tarde mediante cartas. Já que estas coisas assim são, é claro que deve ser considerada verdadeira tôda doutrina que concorde com essas igrejas apostólicas, raízes e originais da fé, sustentando certamente aquilo que as igrejas receberam dos Apóstolos, que os Apóstolos receberam de Cristo, e Cristo recebeu de Deus; e deve ser convencida de mentira tôda doutrina que ensina contra a verdade das igrejas e dos Apóstolos e de Cristo e de Deus" (*Prescrição dos Hereges*, 21).

Vitória sobre o racionalismo. Enquanto Tertuliano desafiava a perseguição dos oficiais civis em Cartago na África, uma universidade cristã era estabelecida em Alexandria, no Egito. Sabendo como os filósofos clássicos gregos arrazoavam os antigos mitos religiosos, você poderia esperar que talvez a tradição cristã não suportasse o exame da erudição profunda. Mas não; porque, com tôda a sua insistência pela mais alta instrução e pelas abstrações filosóficas, o mestre alexandrino Clemente (150) previne: "De modo algum devemos transgredir a regra da Igreja... Uma vez que a estrada real é uma só, e há muitos outros ca-

minhos, dos quais alguns levam ao precipício e outros a uma torrente impetuosa, e outros a um mar profundo, use-se a estrada real, antiga e livre de perigo... Em origem e em preeminência dizemos que a Igreja antiga e católica é única, congregando, como congrega, os homens na unidade de uma só fé" (*Stromata*, VII, 15, 17).

E nem isto é a mera opinião pessoal de um conservador. O sucessor de Clemente como reitor da escola alexandrina, o incomparável Orígenes (185), era um pensador tão ousado como o mundo ainda não viu — e de fato, por um tempo estêve sob censura do seu bispo. Contudo, sobre os princípios fundamentais Orígenes nunca vacila. No próprio prólogo de uma obra em que de boa-fé comete vários erros particulares, êle estabelece um princípio: "Já que há muitos que pensam sustentar as opiniões de Cristo, e, no entanto, alguns dêsses pensam diferentemente dos seus predecessores, contudo ainda está preservado o ensino da Igreja, transmitido em sucessão ordeira desde os Apóstolos e permanecido nas igrejas até o presente dia, ensino que diz só dever ser aceito como verdade aquilo que a nenhum respeito diverge da tradição eclesiástica e apostólica..." (*Sobre os Princípios*, Prólogo, 2, 3).

Resistência ao cisma. Por êsse mesmo tempo, Cipriano, o Mártir (circa 210), Bispo de Cartago, estava contendendo contra cismáticos rivais. De um lado estavam Novato de Cartago e os

seus relaxados sequazes e do outro estava o antipapa Novaciano em Roma. Contra todos êsses Cipriano diz: "A espôsa de Cristo não pode ser uma adúltera; é incorrupta e casta... Preservava-nos para Deus; assinala os filhos que ela gera para o reino. Quem quer que esteja separado da Igreja está unido a uma adúltera, está separado das promessas da Igreja, e aquêle que deixa a Igreja de Cristo não vem às promessas de Cristo. Não pode ter a Deus por pai quem não tem por mãe a Igreja" (*Sobre a Unidade da Igreja*, 6). Não é, pois, surpreendente que Cipriano concluísse dizendo que "Novaciano não é um bispo na Igreja, nem pode ser computado como tal, porque, desrespeitando a tradição evangélica e apostólica, a nenhum sucedeu, mas partiu de si mesmo" (Carta 69). E isto resumiu tudo: "Quem quer que êle seja e o que quer que seja, não é cristão aquêle que não está na Igreja de Cristo" (Carta 55).

Respeito Niceno pela Tradição. Não deveria, pois, constituir surpresa acharmos os bispos em Nicéia sempre lembrados da tradição, mesmo nas leis disciplinares. Queira notar um pouco frases como estas: "é um sábio dizer do Apóstolo" (cânone 2); "adira-se estritamente ao antigo costume que vige no Egito, de vez que êste é também o costume do Bispo de Roma" (cânone 6); "uma vez que o costume e a antiga tradição mostram" (cânone 7); "relativamente aos que morrem, a an-

tiga lei canônica continuará a ser observada" (cânone 13).

Não serão, pois, êles que violem a injunção de Paulo: "Se alguém vos pregar um Evangelho outro que aquêle que recebestes, seja anátema" (Gál 1, 8). Nós, bispos em Nicéia, quase a uma só voz, havemos reafirmado, contra Ario, que Cristo é Deus. Se Cristo é Deus, então o seu ensino é divino; é um precioso legado, um rico de-

pósito, que devemos guardar em segurança, e não desperdiçar pela especulação. Nós Padres em Nicéia somos bispos: bispos ou vigas. Nossa é a responsabilidade de guardar êste depósito da fé para gerações ainda não nascidas. Ontem, hoje, amanhã, Cristo é para nós "o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim... é Aquêle que é, e Aquêle que era, e Aquêle que virá, o Onipotente" (Apoc 1, 8).

"Lembranças" Cristãs ...A Eucaristia



Devo dizer-lhe que os bispos católicos em Nicéia são homens pobres. Muito da propriedade da Igreja confiscado durante a recente perseguição pelos sucessivos Imperadores Romanos foi-se para sempre. Do que resta, somos agora não os donos, mas apenas os mordomos para os cristãos pobres. Com os nossos próprios recursos, portanto não poderíamos atender a convenções seculares, proporcionando entretenimento e "lembranças".

"Lembranças" imperiais. Mas, conforme escreverei mais tarde na sua *Vida*, o Imperador Constantino mui generosamente supriu até mesmo esta deficiência. Tornou certo que não nos faltariam êsses pobres prazeres que esta vida proporciona. "O próprio Imperador convidou e recepcionou aqueles ministros que êle havia congregado, e, por assim dizer, assim ofereceu por meio dêles um conveniente sacrifício a Deus. Nenhum dos bispos faltou ao banquete imperial, cujas circunstâncias foram esplêndidas acima de qualquer descrição. Destacamentos do corpo-da-guarda e outras tropas circundavam a entrada do palácio com espadas desembainha-

das, e pelo meio dêstes os homens de Deus avançavam sem medo para o interior dos aposentos imperiais, em alguns dos quais estavam à mesa os próprios companheiros do Imperador, enquanto outros estavam reclinados em leitos dispostos de cada lado. Poder-se-ia pensar que uma imagem do reino de Cristo era assim representada, e um sonho antes que realidade. Após a celebração dessa brilhante festa, o Imperador cortêsmente recebeu todos os seus hóspedes, e generosamente aumentou os favores que já outorgara, presenteando pessoalmente com dádivas cada indivíduo de acordo com a sua condição... O Imperador também mandou que amplas dádivas de dinheiro fôssem outorgadas a todo o povo, tanto no campo como nas cidades, comprazendo-se assim em honrar a festiva ocasião do vigésimo aniversário do seu reinado" (Eusébio, *Vida de Constantino*, III, 15, 16, 22).

"Lembranças" cristãs. Você pode pensar que nós bispos nos estamos movendo em círculos elevados, realmente, jantando à mesa do Imperador. Mas nossos prede-

cessores, os Apóstolos, foram ainda mais favorecidos. Se Constantino, como um governante sábio e benevolente, cuidou de proporcionar aos bispos em Nicéia um banquete e "lembranças", se desejou que o aniversário fôsse por todos observado, não deveria surpreender-nos que Cristo, Rei do céu e da terra, não fizesse menos. Também êle preparou um banquete para os seus Apóstolos. Também cuidou de que a memória dêsse banquete perdurasse em celebrações aniversárias, dizendo: "Fazei isto em memória de mim" (Lc 22, 19); cuidou de que essa festa recebesse publicidade mundial, de modo que, "do nascer do sol ao ocaso, meu Nome seja grande entre as gentes e em cada lugar haja sacrifício e seja oferecida ao meu Nome uma oblação pura" (Mal 1, 10).



Sete "lembranças". Se tivesse tempo, eu poderia mostrar que Cristo deixou sete grandes "lembranças" da sua Paixão — nós lhes chamamos sacramentos — mediante as quais os méritos da sua mor-

te redentora são por Ele aplicados a geração sôbre geração de crentes. Poderia explicar como essa vida sobrenatural cristã, tal como a vida natural de cada um, tem de nascer pelo Batismo (Jo 3, 5; *Didaché*, 7); tem de ser fortalecida pela Confirmação (At 8, 15; Hipólito, *Tradição Apostólica*); alimentada pela Eucaristia (Jo 6, 54; Inácio, *Esmérnios*, 8); curada pela Penitência (Jo 20, 23; *Didaché*, 4, 14), e por uma Extrema-Unção na morte (Tgo 5, 14; Orígenes, *Homília II sôbre o Levítico*); e como o poder de administrar êsses sacramentos deve ser conferido pela Ordem (I Tim 4, 14; Hipólito, *Tradição Apostólica*); e como novas pessoas são geradas em Matrimônio "de acôr do com o Senhor, e não meramente por lascívia" (Inácio de Antioquia, *Carta a Policarpo*, 5).

Sacrifício Eucarístico. Mas não há tempo! Uma só entrevista nunca poderia começar sequer a descrever sete sacramentos. Por força cingir-me-ei a um só sacramento, o maior, nisso que êle contém o Autor dos sacramentos. Refiro-me ao Sacrifício Eucarístico instituído por Cristo na Última Ceia. Lucas dá-nos a parte essencial dêste rito: "Tendo tomado pão, êle deu graças e partiu-o, e deu-o a êles dizendo: "Isto é meu Corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim". Semelhantemente, tomou o cálice após a ceia, dizendo: "Êste é o nôvo testamento em meu Sangue, que será derramado por amor de vós" (Lc 22, 19-20).

Note que Cristo chama claramente a êsse abençoado pão seu corpo; o vinho consagrado é chamado seu sangue, e não o representa. Estamos face a face com aquilo a que os Judeus chamavam um "duro dizer" (Jo 6, 62), a pretensão de Cristo de converter pão e vinho em seu corpo e em seu sangue. Não me proponho arguir êste ponto, porque àqueles que crêem que Cristo é Deus êle não apresenta dificuldade de qualquer sorte; para os que não crêem, receio que qualquer coisa que eu dissesse brevemente fôsse inadequada. Sou um historiador antes que um teólogo; tudo o que eu proponho fazer é relatar aquilo que até o tempo presente a tradição cristã tem sustentado acêrca da natureza do Sacrifício Eucarístico.

Eucaristia Apostólica. Certamente o respeitado mestre de Lucas, Paulo de Tarso, tomou as palavras do Senhor no seu valor literal; adverte aquêles turbulentos Coríntios de que "todo aquêle que comer êsse pão ou beber êsse cálice do Senhor indignamente será réu do corpo e do sangue do Senhor" (1 Cor 11, 27).

A *Didaché* recomenda o uso semanal dos sacramentos da Penitência e da Eucaristia: "No Dia do Senhor reuni-vos e parti o pão e oferecei a Eucaristia, tendo antes confessado as vossas transgressões, para que o vosso sacrifício seja puro" (*Didaché*, 14). Já os cristãos começaram a cercar o rito eucarístico de orações e hinos. O próprio Cristo só passou a consagrar a Eucaristia depois de haver celebrado os exten-

sos ritos pascaes da Lei Mosaica. Embora êstes últimos não estivessem fora de moda para os cristãos, êstes naturalmente quiseram substituí-lo por certas petições preparatórias. Certamente, a Oração Dominical, por nós chamada o "Pai-Nosso", era natural para êsse fim; você a acha recomendada na *Didaché* (8). Ademais, os crentes devotos queriam agradecer a Deus após o sacrifício e a comunhão que se seguia. A *Didaché*, talvez apenas um meio-século depois da Última Ceia, dá-nos muitas dessas orações. Não posso mencioná-las tôdas, mas note como a seguinte atende ao ponto básico do alimento divino dos homens: "Deus Onipotente, criaste tôdas as coisas por amor do teu nome. Deste comida e bebida aos homens para regozijo, para que êles possam dar-te graças, e deste graciosamente comida e bebida espiritual e vida eterna por intermédio de teu Servo (Cristo)" (*Didaché*, 10).

E nem êsse sacrifício eucarístico, nos tempos apostólicos, era mera cerimônia optativa. Veja com que indignação Inácio de Antioquia denuncia os hereges Docetas que negavam que Cristo tinha um corpo real: "Da Eucaristia e da oração êles ficam longe, porque não confessam que a Eucaristia é a Carne de nosso Salvador Jesus Cristo que padeceu pelos nossos pecados, e a quem o Pai, na sua misericórdia, ressuscitou dos mortos. E assim os que discutem o dom de Deus perecem na sua contenda" (*Carta aos Esmírnios*, 7). Pelo contrário,



os bons cristãos são intimados a “esforçar-se para se reunirem mais freqüentemente a fim de celebrarem a Eucaristia de Deus e oferecerem oração... e partirem o mesmo Pão, que é o remédio da imortalidade, o antídoto contra a morte, e é a vida eterna em Jesus Cristo” (*Carta aos Efésios*, 13, 20).

Rito Eucarístico. Escrevendo há cerca de cento e cinquenta anos, Justino (*circa* 100-110), o Filósofo, procurou ajudar seus companheiros cristãos em Roma. Na esperança de que as autoridades imperiais mitigassem a perseguição se compreendessem direito o culto cristão, Justino escreveu duas *Apologias*. Na primeira, depois de explicar o rito batismal, ele dá uma descrição detalhada do sacrifício Eucarístico do seu tempo (*Apologia I*, 65-67): “No dia que é chamado Domingo nós temos uma assembléia comum de todos os que vivem nas cidades ou nos distritos de fora... porque nosso Salvador Jesus Cristo ressurgiu dos mortos nesse mes-

mo dia”. Primeiramente os adoradores ouvem leituras do Velho e do Novo Testamento: “os escritos dos Profetas ou as memórias dos Apóstolos são lidas quando há tempo”. Então o bispo, que para os pagãos Justino identifica como “presidente dos irmãos”, profere um sermão, advertindo todos de “imitarem tais exemplos de virtude”. Depois disto, “nós todos nos levantamos juntos e oferecemos as nossas orações”. Seguem-se depois providências preparatórias para o sacrifício: “Pão e um cálice contendo vinho misturado com água são apresentados ao que preside aos irmãos. Então os toma e... recita extensas orações de ações de graças”, — você se lembra da *Didaché*. Enquanto isso, “os ricos, se lhes apraz, contribuem com o que desejam, e a coleta é colocada sob a guarda do presidente”, para que ele “tome cuidado de todos os que estão na necessidade”.

Quando o ato central do sacrifício se aproxima, veja como Justino recorre à tradição apostólica: “Os Apóstolos, nas suas memórias, que são chamadas Evangelhos, transmitiram o que Jesus lhes ordenou fazerem: que ele tomou pão e, após dar graças, disse: “Fazei isto em memória de mim; isto é meu Corpo”. Semelhantemente, tomou também o cálice, deu graças e disse: “Isto é meu sangue”, e só a eles o deu”. Assim como o bispo imitou Cristo nesse ato de consagração, assim também imita-o em distribuir o alimento espiritual: “Quando o que preside acabou de celebrar a Eucaris-

tia, aquêles a quem nós chamamos diáconos permitem a cada um dos presentes participar do Pão eucarístico... Os Elementos eucarísticos são distribuídos e consumidos pelos presentes, e aos que estão ausentes são enviados por intermédio dos diáconos”.

Uns setenta anos mais tarde podemos examinar o sacrifício eucarístico para ver se teve lugar nêle alguma alteração básica. Hipólito (circa 170-175), sacerdote romano, compôs um manual litúrgico, *Tradição Apostólica*, que descreve alguns novos detalhes e cerimônias, porém mais uma vez inclui o rito essencial que remonta à ação de Cristo na Última Ceia.

Assim achamos a *Tradição Apostólica* relembra-nos que Cristo, “tomando pão, deu graças a Ti e disse: “Tomai e comei; isto é meu Corpo, que será quebrantado por amor de vós; sempre que isto fizerdes, fá-lo-eis em memória de mim”. Portanto, em memória da sua morte e ressurreição nós te oferecemos êste pão e êste cálice, dando-te graças por nos teres feito dignos de ficar na tua presença e de ministrar a ti...” Hipólito refere outros detalhes: o diácono traz o pão e o cálice ao bispo; água é misturada com o vinho; é dado o ósculo de paz. O bispo parte em pedaços o Pão eucarístico e, com os sacerdotes, distribui-o ao povo, dizendo: “O pão celeste em Cristo Jesus” (*Tradição Apostólica*: Missa de sagração episcopal).

Reverência pela Eucaristia. Já evidente, essa reverência é espe-

cialmente clara pela instrução de Orígenes aos fiéis leigos que recebiam a comunhão: “Vós que costumais estar presentes aos Divinos Mistérios sabeis que, quando recebeis o Corpo do Senhor, deveis tratá-lo com todo cuidado e reverência, para que não suceda cair um fragmento dêle, para que não se perca alguma porção do Dom consagrado. Porquanto vos credes culpados — e o credes certo — se alguma coisa cair por negligência nossa” (Homília XIII: Sôbre o Êxodo, 3). Porém a real celebração do Sacrifício, diz pelo mesmo tempo Cipriano de Cartago (circa 210), é confinada aos sacerdotes: “Se o próprio Jesus Cristo Nosso Senhor e Deus é o sumo sacerdote de Deus Pai e se se ofereceu em sacrifício a seu Pai, e mandou que isto fôsse feito em memória de si, então desempenha verdadeiramente o ofício de Cristo o sacerdote que imita o que Cristo fêz, e agora oferece o verdadeiro e perfeito Sacrifício na Igreja a Deus Pai” (Carta 63).

Monumentos eucarísticos. Mas nem tôda evidência da Eucaristia há de ser achada em documentos. Se você conhecer a chave, poderá descobrir nos monumentos cristãos muitas referências ao Cristo Eucarístico.

Durante os dias de perseguição, os cristãos muitas vêzes usavam um peixe como símbolo de Cristo. Você deve saber que a palavra grega para peixe é “ichthūs”. Os cristãos usavam-lhe as letras iniciais para representarem: “Iesus Christòs Theoũ Huiòs, Sotér”;

isto é: "Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador".

Tendo isto em mente, leia alguns epitáfios de cristãos devotos, tais como Abercius deixou em Hierápolis, na Frígia, e de Pectório erigido em Autun na Gália. Esta última inscrição assim poderia ser traduzida: "Divina prole do Peixe celeste, preservai um coração reverente quando tomardeis a bebida da imortalidade que é dada entre os mortais. Confortai vossa alma, ó amados, com as fontes inefáveis, em inexauríveis fontes da Sabedoria, dadoras de riqueza. Tomai o melígeno alimento do Salvador de santos, e comei-o com fome, segurando nas mãos o Peixe. Enchei-me do Peixe, rogo-vos, Senhor Salvador. Durma bem minha mãe, rogo-vos, Luz dos mortos. Aschandius, meu pai, amadíssimo do meu coração, com minha doce mãe e meus irmãos, lembrai-vos do vosso Pectório na paz do Peixe" (Bettenson, Henry, *Documents of the Christian* p. 121).

Agora vá a Roma, desça à catacumba da Beata Domitila. Ali achará desenhos do Cordeiro de Deus ou do Bom Pastor, trazendo um balde de leite. Note que um halo circunda o leite, pondo em luz a natureza sagrada deste. O significado desta pintura é que Cristo, sob os símbolos do Cordeiro de Deus ou do Bom Pastor, está dando ao seu rebanho o alimento da Sagrada Eucaristia. Clemente de Alexandria resume a interpretação quando diz que: "A Igreja alimenta seus filhos

com leite, e este leite... é o corpo de Cristo" (*Pedagogo*, 1, 7).

De novo, na catacumba de Priscila — provavelmente um dos primeiros convertidos de Pedro — você achará aquilo que, pelas suas inscrições, é conhecido como a Capela Grega. Aí está uma pintura simbólica a que os latinos chamam "Fractio Panis": a fração do Pão. Sete pessoas estão sentadas a uma longa mesa onde estão dois peixes, cinco pães e um cálice. Um homem venerando, evidentemente o presidente da festa como o diria nosso amigo Justino, está pondo as mãos sobre os objetos que estão na mesa. Sem dúvida, os cinco pães e os dois peixes sugerem o milagre de Cristo da multiplicação (Mt 14). Mas, enquanto o desenho relembra o poder milagroso de Cristo, dirige-o a outro fim. Para uma representação do milagre dos pães e dos peixes, mesa, banquete e taça seriam desnecessários. Essa reunião, portanto, representa um sacrifício eucarístico celebrado por um bispo — e os cristãos naqueles dias prontamente o reconheceriam como tal.

Mas eis que aqui lhe estou fornecendo um livro-guia para o sub-solo cristão! Não o farei mais, asseguro-lhe. Bastante já foi feito para seguir a Eucaristia desde a Última Ceia até o Concílio em Nicéia. Melhor entenderá você como o Culto Eucarístico é o coração da liturgia cristã. E, se você aceita a tradicional crença cristã de que Cristo está verdadeiramente presente no sacramento eucarístico, apreciará o nosso grande cuidado pelos

moribundos em Nicéia: "Com respeito aos moribundos, a antiga lei canônica continuará a ser observada, a saber: se alguém estiver perto da morte, não seja privado do último e mui necessário Viático... no caso de alguém moribundo que deseje re-

ceber a Eucaristia, dê-lha o bispo após devida investigação (Cânone 13). "Viático" quer dizer provisão para um caminho, para uma jornada. Nós cristãos somos todos viandantes rumo ao céu, mas Cristo é sempre "o caminho, a verdade e a vida" (Jo 14, 6).

SEGUIDORES DE CRISTO OU DE CONSTANTINO?

Alegada dependência eclesiástica. Nesta entrevista final procurarei responder a algumas das questões que você me submeteu. De todas elas, a mais inquiridora parece ser a seguinte:

“O Sr., ó Bispo Eusébio, disse que a Igreja, Cristã é uma sociedade organizada sob os seus próprios titulares, ou sejam, o Bispo de Roma, que diz ser herdeiro de Pedro, e outros bispos, sucessores dos Apóstolos escolhidos por Cristo. O Sr. acentuou muito a continuidade em autoridade, e a unidade e consistência no ensino católico desde Nicéia, para trás, até Cristo. Contudo, hoje me parece que a Igreja suplantou o cristianismo. A sua organização é uma mera imitação do nosso excelente governo imperial. Ela fica sendo uma sociedade, talvez, porém optativa, dependente, e, se o Sr. me perdoar o termo, parasitária. Como vereadores numa cidade, chefes sobre Estados, presidentes de comunidades de trabalhadores, os Srs. bispos limitaram o governo próprio sob o supremo mando imperial. O Sr. mesmo diz que o Imperador “convocou um concílio uni-



versal e... intimou os bispos a reunir-se imediatamente”. Refere o discurso dêle ao concílio sobre a ordem, e os seus mandatos de observar decretos (Eusébio, *Vida de Constantino*, III, 6, 12, 20). Essencialmente, pois, os Srs. são constantinianos antes que cristãos; os Srs. bispos, podem pensar que governem a Igreja, mas na realidade são deputados do imperial departamento de religião”.

Privilégios de Constantino. Até aí o nosso intrépido objetor. Em resposta, posso apenas bater no peito por certas afirmações imprudentes formuladas na minha projetada *Vida de Constantino*. Os meus colegas têm-me às vezes advertido da minha excessiva deferência para com a autoridade secular, e vejo que em parte eles podem estar certos. Contudo, é difícil para um amigo íntimo de Constantino falar mal dêle, e de qualquer modo, eu penso que todos os cristãos têm para com êle uma dívida de gratidão que nunca podem pagar, por haver êle acabado com as perseguições. Foi por isto que o Papa Silvestre e o resto de nós bispos concedemos a êle uma po-

sição privilegiada. Tanto por motivo de respeito como por motivos prudenciais de eficiência, nós lhe permitimos fazer as notificações para esta reunião, e assegurar transporte seguro. Pareceu-me simplesmente justo convidar Sua Majestade para falar à assembléia, e também lhe concedemos publicar os decretos conciliares.

O *Estado Constantino*. Mas creio que o próprio Imperador Constantino está bem cômico da sua verdadeira posição. "Não foi sem razão que certa vez, quando conversava com um grupo de bispos, êle deixou cair uma observação, de que também êle era um bispo, falando a êles sob minha escuta como segue: "Os Srs. são bispos cuja jurisdição está dentro da Igreja. Eu também sou um bispo, ordenado por Deus para vigiar o que é externo à Igreja" (Eusébio, *Vida de Constantino*, IV, 24). Ora, conquanto alguns tenham levado a mal êsse meio-gracejo, eu penso que nenhum homem equilibrado interpretaria essa observação como reivindicando mais do que um poder de polícia para a ordem pública, ou, no máximo, um papel protetor para com os interesses e a propriedade eclesiástica. Foi neste espírito que êle fez de árbitro entre nós e os Donatistas africanos (Eusébio, *História*, X, 5-6). Quanto à sua "ordenação divina", penso que êle poderia pleitear justificação junto ao Apóstolo Paulo, quando êste diz: "Seja cada um sujeito às mais altas autoridades, pois não existe autori-

dade senão vinda de Deus, e as que existem foram ordenadas por Deus. Portanto, aquêles que resistem à autoridade resistem à ordem de Deus, e os que resistem trazem sôbre si a condenação..." (Rom 13, 1).

Deixando de lado êsses relatos marginais, veja o que a política oficial de Constantino é para com a religião. Refiro-me ao Editto da Liberdade Religiosa promulgado por êle e pelo seu último colega, Licínio. Deixe-me citar-lhe alguns trechos a êle pertinentes: "Percebemos desde há muito que a liberdade religiosa não deve ser negada, mas que ao juízo e desejo de cada indivíduo deve ser permitido cumprir os seus deveres religiosos de acôrdo com a sua própria escolha, demos ordens para que todos os homens, os cristãos como outros, possam preservar a fé da sua própria seita e religião... estando claramente de acôrdo com a tranqüilidade dos nossos tempos que cada um tenha a liberdade de escolher e de adorar qualquer divindade que lhe apraza. Isto foi por nós feito a fim de que de modo algum parecesse discriminarmos contra qualquer categoria ou religião" (Eusébio, *História*, X, 5). Este editto é, a meu ver, de mentalidade um tanto larga demais, porém nenhuma renúncia do controle secular sôbre a religião poderia ser mais clara.

Independência Eclesiástica. Mas que seria se algum futuro imperador transpusesse os limites que Constantino se impôs? Esta pos-



sibilidade, devo admiti-lo, perturbou-me tanto, que eu consultei meu colega, o Bispo Hósio de Córdoba, deputado do Papa Silvestre em Nicéia. Hósio comparilha a minha amizade e respeito para com o Imperador Constantino. Sem embargo, assegurou-me que, se êste governante ou qualquer dos seus sucessores



se intromettesse na Igreja, na sua fé ou na sua disciplina essencial, então, asseverou Hósio, eu lhe diria francamente: "Não vos intro-

metais nos negócios da Igreja, e nem nos deis ordem referente a ela, mas, ao invés, aprendei de nós. Deus colocou em vossas mãos o Império, e a nós confiou a administração da sua Igreja; e, assim como se oporia à ordem de Deus quem quisesse roubar de vós o govêrno, vós também vos tornaríeis réu de um grave pecado. Escrito está: "Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus". Portanto, não nos é lícito governar a terra, nem vós tendes o direito de queimar incenso" (Hósio, Carta a Constantino, citada por Atanásio, *História dos Arianos*, 44).

Mas não hostilidade. Alegro-me de que Hósio me tenha lembrado a própria declaração de Cristo sôbre esta questão. Por que Cristo enfrentou o dilema lançado aos homens religiosos em todos os tempos: Credes em Deus e numa vida futura? — então deveis ser traidores do Estado e relaxados nesta vida. Obedeceis às leis e cumpris os vossos deveres cívicos? — então não podeis servir a Deus ou à sua Igreja. Ora, isto é grosseiramente injusto. Isso toma estúpidamente como pressuposto que um homem não pode servir conjuntamente a Deus e a César, que um homem só pode preparar-se convenientemente para uma vida futura omitindo-se nesta vida terrena. Providencialmente, pois, Cristo mostrou que os deveres para com a Igreja e para com o Estado podem ser conciliados: "Dai a César o que é de César e a

Deus o que é de Deus" (Mt 22, 21).

Nem agiu diferentemente o principal deputado de Cristo, Simão Pedro. Escrevendo de Roma no próprio tempo em que o tirano Nero incendiava os cristãos nos seus jardins, Pedro intima: "Sêde sujeitos a toda criatura humana por amor de Deus; se ao rei, como soberano; se aos governantes, como por êle enviados para vingança contra os malfeitores e para louvor dos bons. Porque esta é a vontade de Deus, que, fazendo o bem, façais emudecer a ignorância dos homens tolos. Vivei como homens livres, embora não usando a vossa liberdade como um véu para a malícia, mas sim como servos de Deus. Honrai todos os homens; amai vossos irmãos; temei a Deus; respeitai o rei" (1 Ped 2, 13-17). E, no entanto, quando intimado a fazer alguma coisa contra a sua consciência, êsse mesmo Pedro declarou: "Devemos obedecer a Deus antes que aos homens" (At 5, 28).

Desinteresse cristão. Assim o cristão profundo deve ser um homem de coração leve, porque não irrevogavelmente apegado a qualquer coisa neste mundo. Pode dizer com Inácio: "Nem os reinos dêste mundo nem os limites do universo podem ter qualquer uso para mim. Eu preferiria morrer por Jesus Cristo a governar até os últimos confins da terra. Meu interesse é por Aquêle que morreu por nós; meu amor é Aquêle que ressuscitou para nossa salvação... Não se entrega ao mun-

do um homem cujo coração está fixado em Deus; não me alicieis com coisas materiais" (*Carta aos Romanos*, 6).

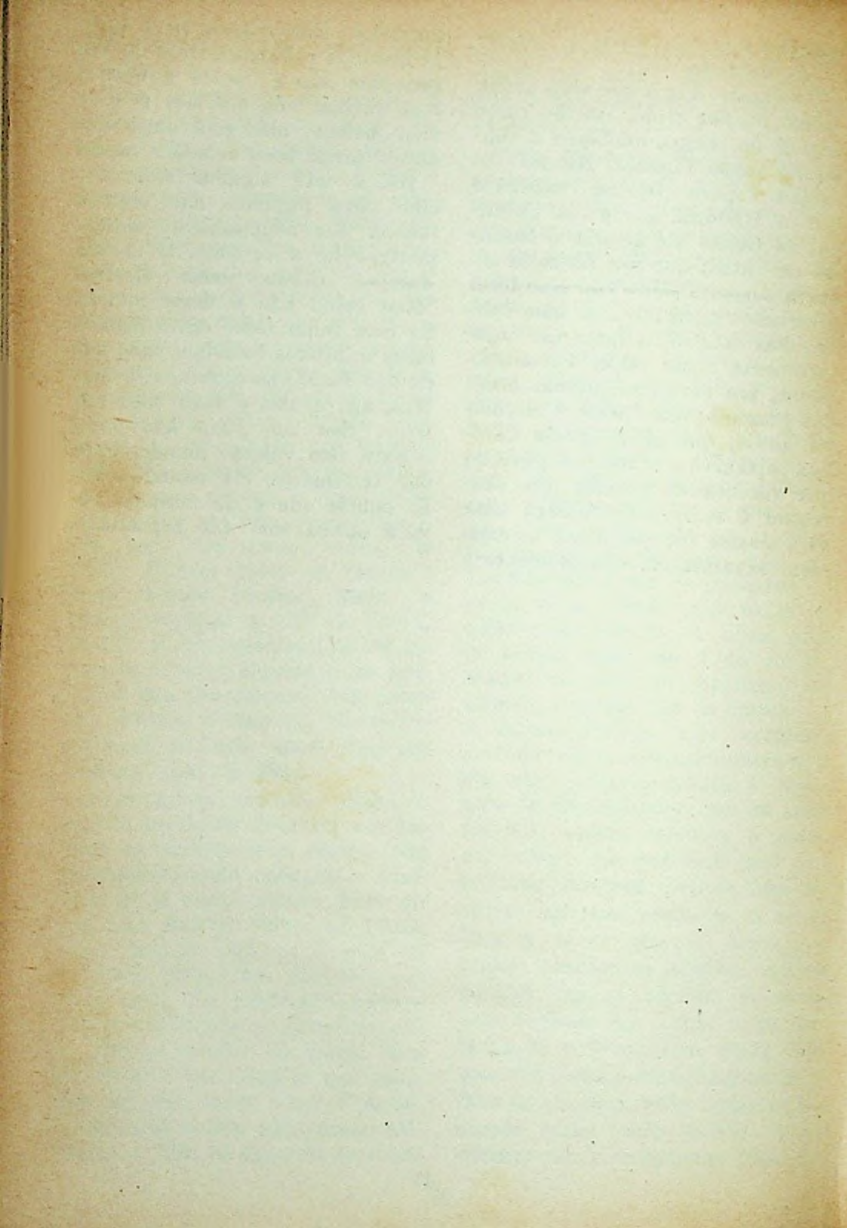
Deve êle estar disposto a desempenhar o papel de um desinteressado construtor moral: "Os cristãos não se distinguem do resto da humanidade por país, ou língua, ou costumes... Tomam parte em tudo como cidadãos, e suportam tudo como estrangeiros... Obedecem às leis estabelecidas, mas, na sua vida privada, elevam-se acima das leis. Amam todos os homens, mas por todos são perseguidos... Fazendo o bem, são punidos como malfeitores... Numa palavra, o que a alma é no corpo, isso os cristãos são no mundo. A alma está difundida por todos os membros do corpo, e os cristãos por tôdas as cidades do mundo. A alma está no corpo, mas não é do corpo; assim os cristãos habitam no mundo, mas não são do mundo... A carne, embora não sofrendo mal da alma, contudo odeia-a e lhe move guerra, porque é impedida de condescender com as suas paixões; assim, também, o mundo, embora não sofrendo mal dos cristãos, odeia-os porque êles se opõem aos seus prazeres. A alma ama a carne que a odeia...; assim também os cristãos amam aquêles que os odeiam. A alma está fechada no corpo, e no entanto é a verdadeira coisa que mantém o corpo unido; assim também os cristãos estão fechados no mundo como numa prisão, e no entanto são precisamente êles que

mantêm unido o mundo..." (*Carta a Diogneto*, 5-6).

Conclusão. Fiz o que você pediu. Como melhor pude, em tão curto espaço de tempo, expliquei o fundo do nosso Concílio Niceno. Ao menos espero ter-lhe mostrado que a História da Igreja Católica, de Cristo até Nicéia, é baseada em fatos; que não há coisa secreta suspeita sobre ela. Não torci silogismos para advogar uma causa, mas estatuí os fatos tão objetivamente como pude. Permitem-se-me, por certo, as minhas crenças pessoais: que Nicéia é baseada em fatos; que ali a Igreja Católica preservou o mesmo governo que recebeu de Cristo; que professou e sempre professará uma só e mesma fé; que usará os mesmos sacramentos, especialmente o

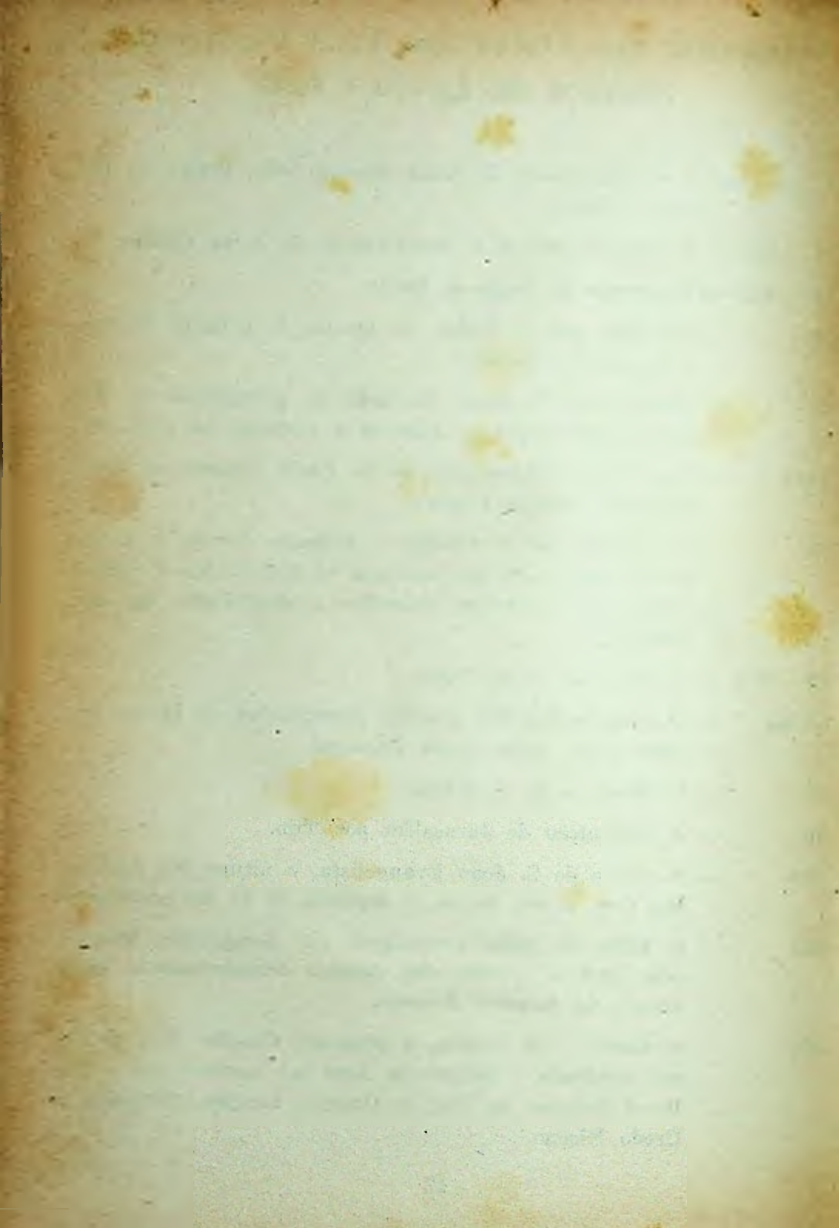
Sacrifício Eucarístico. Esta Igreja Católica é independente de César, mas não é oposta a César; sem dúvida, nós olhamos a uma vida melhor, mas esperamos ganhá-la sendo bons cidadãos nesta.

Dê a isto alguma reflexão; olhe para algumas das minhas fontes. Eu simplesmente desejo mostrar-lhe a verdade. O mesmo desejou Cristo, meu Mestre; "Meu reino não é deste mundo. Se meu reino fôsse deste mundo, meus ministros lutariam para que eu não fôsse entregue aos judeus. Mas, agora, não é daqui meu reino... Sou rei. Para isto nasci e para isto vim ao mundo, para dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz" (Jo 18, 36-37)



Importantes Datas nos Três Primeiros Séculos da Igreja Cristã

- 1 (7 A.C.) — Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo em Belém de Judá.
- 33 (30) — Crucifixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo.
- 35 (32) — Conversão de Saulo de Tarso.
- 39 — Recepção por S. Pedro, na Igreja, do primeiro Gentio, o Centurião Cornélio.
- 42 — Difusão da Fé como resultado da perseguição de Herodes, que forçou os cristãos a fugirem da Palestina.
- 46-58 — As viagens Missionárias de S. Paulo, durante as quais converteu muitos Gentios.
- 50 — O Concílio de Jerusalém, o primeiro levado a efeito na Igreja, e que decretou que os convertidos do paganismo não estavam obrigados à observância da Lei Judaica.
- 64 (67) — O Martírio de S. Pedro.
- 64-305 — O período das dez grandes perseguições da Igreja Infante pelos Imperadores Romanos.
- 67 — O Martírio de S. Paulo.
- 70 — A destruição de Jerusalém por Tito.
- 100 — A morte de S. João Evangelista, o último dos Apóstolos. Com a sua morte, o depósito da fé foi encerrado.
- 313 — O Edito de Milão promulgado por Constantino Magno, pelo qual o Cristianismo recebeu reconhecimento legal dentro do Império Romano.
- 325 — O Concílio de Nicéia, o primeiro Concílio Ecumênico, que condenou o heresiarca Ario por ensinar que o Filho é inferior ao Pai. O Concílio também formulou o Credo Niceno.





Os primeiros anos da Igreja Católica

Conteúdo:

- Que sabe você a respeito da primitiva Igreja Cristã?
- O "Concílio da Vitória" em Nicéia.
- Quem foi que presidiu o Concílio de Nicéia?
- O Credo Niceno: Cristo é Deus.
- Unidade de Fé... Fidelidade na sua Tradição.
- Reminiscências cristãs... A Eucaristia.
- Seguidores de Cristo ou de Constantino?

Este caderno foi preparado pelos Cavaleiros de Colombo e traduzido para o português com a devida autorização.

Cum approbatione ecclesiastica